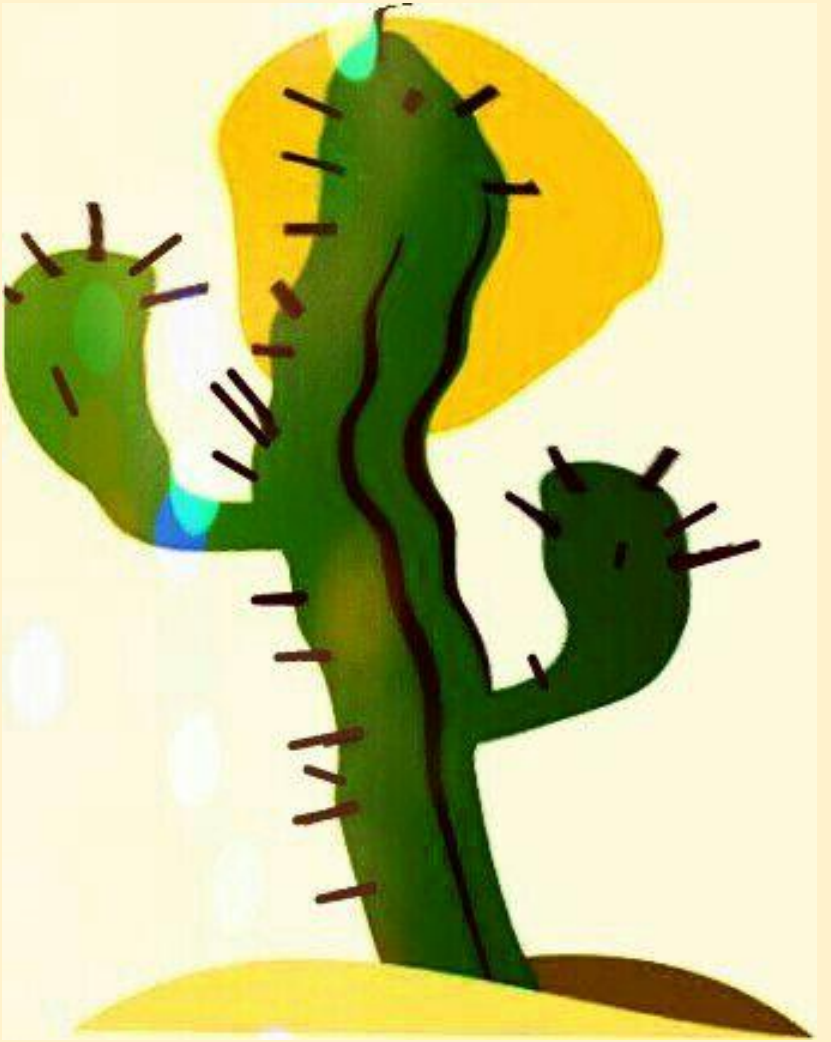
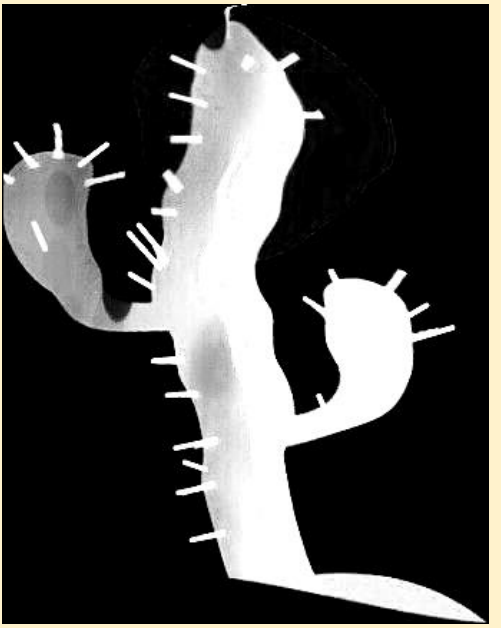


JOVENS CRONISTAS DO SERTÃO

1ª. edição em e-book



Jovens cronistas do sertão

Aécio Silva Júnior
Alexandre Gomes de Oliveira
Calyne Porto de Oliveira
Delfábio Moura Silva
Ernandes Santos Oliveira
Igor Oliveira Mota da Silva
Lívia Santos Lima
Lucas Messias da Costa
Luciene de Oliveira
Pedro Silvino da Costa Filho

1ª. edição em e-book

Jovens cronistas do sertão

Autores
Aécio Silva Júnior
Alexandre Gomes de Oliveira
Calyne Porto de Oliveira
Delfábio Moura Silva
Ernandes Santos Oliveira
Igor Oliveira Mota da Silva
Lívia Santos Lima
Lucas Messias da Costa
Luciene de Oliveira
Pedro Silvino da Costa Filho

Organização
Carlos Alexandre Nascimento Aragão
Christina Ramalho

Projeto "Oficina de Criação Jovens Cronistas do Sertão"
Esse projeto foi selecionado pela Bolsa de Fomento à Literatura do Ministério da Cultura, conforme Edital Bolsas de Fomento à Literatura. Diário Oficial da União nº 144, de 30 de julho de 2015.

Coordenadora: Christina Bielinski Ramalho
Coordenadores-adjuntos:
Antônio Fernando de Araujo Sá
Carlos Alexandre Nascimento Aragão

Natal/LucGraf
2019

Título Original: *Jovens cronistas do sertão*
© Copyright 2019 by Carlos Alexandre Nascimento Aragão e Christina Ramalho

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução desta obra em seu todo ou em partes, por qualquer meio, sem o consentimento dos autores.

Autores
Aécio Silva Júnior; Alexandre Gomes de Oliveira; Calyne Porto de Oliveira; Delfábio Moura Silva; Ernandes Santos Oliveira; Igor Oliveira Mota da Silva; Lívia Santos Lima; Lucas Messias da Costa; Luciene de Oliveira e Pedro Silvino da Costa Filho

Ilustração da Capa: Lucas Messias da Costa
Arte de Capa: Christina Ramalho
Revisão: Ariene Braz Palmeira, Carlos Alexandre Nascimento Aragão, Christina Ramalho e Éverton de Jesus Santos
Diagramação: Christina Ramalho
Coordenador-Adjunto: Prof. Dr. Antônio Fernando de Araujo Sá
Monitores: Ariene Braz Palmeira e Éverton de Jesus Santos

Catalogação da Publicação na Fonte.

Fernando Antonny Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

R165m Ramalho, Christina (org.).

Jovens cronistas do sertão. / Christina Ramalho (org.), Carlos Alexandre Nascimento Aragão (org.). – 1. ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2019.

180 p.; eBook (pdf).

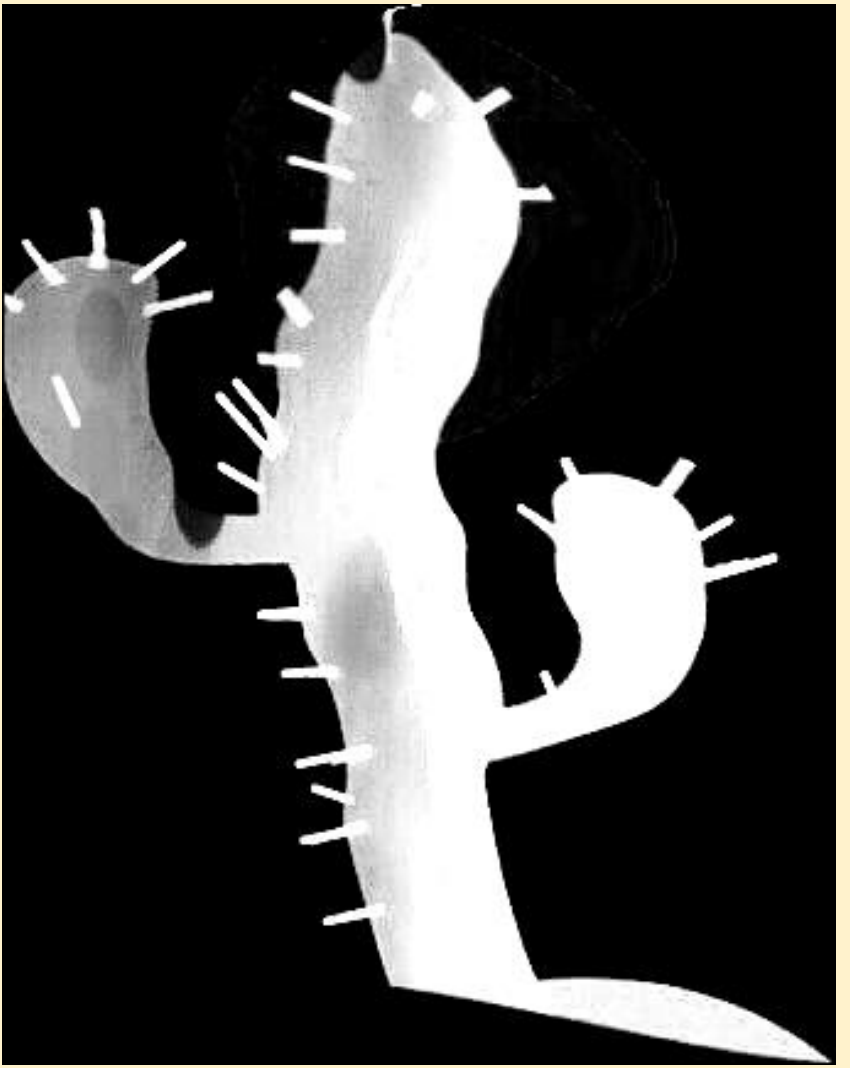
Vários autores.

ISBN: 978-85-7134-013-8.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura – Crônicas. 3. Literatura contemporânea – Sertão. I. Aragão, Carlos Alexandre Nascimento (org.). II. Título.

CDU 821.134.3(81)

CDD B869



AGRADECIMENTOS

Ao Governo Federal, em especial à presidente Dilma Rousseff, pelas oportunidades culturais criadas pelo Ministério da Cultura através do Edital Bolsa de Fomento à Literatura.

À Secretaria de Educação do Estado de Sergipe, por ter disponibilizado transporte para a realização das viagens programadas.

A André Azevedo, Gabriela Pelosi e Raiff Magno Barbosa, pela generosidade da participação voluntária nas viagens ao sertão baiano e pela contribuição que deram ao grupo.

Ao escritor e poeta Zé Américo, pelo mergulho na história de Canudos que nos ofereceu.

A Geraldo Moreira Prado, Mestre Alagoinha, pelo encanto que a Biblioteca do Paiaiá nos trouxe.

À LucGraf e à Rosângela Trajano, por acolherem esta primeira edição em e-book

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – p. 10

O QUE É O SERTÃO PARA VOCÊ? – p. 18

Sertão - Aécio Silva Júnior
Lugar misterioso - Alexandre Gomes de Oliveira
O sertão como eu vejo - Calyne Porto de Oliveira
Sertão nordestino - Delfábio Moura Silva
E reinará o verde-limão! - Ernandes Santos Oliveira
Descobrindo saídas - Igor Oliveira Mota da Silva
O que é o sertão para você? - Lívia Santos Lima
A cor da terra, as cores da gente - Lucas Messias da Costa
Vida que transborda - Luciene de Oliveira
Entre a estiagem e a chuva, a alegria - Pedro Silvino da Costa Filho

O SERTÃO CONTEMPORÂNEO – p. 42

A Ditadura contemporânea da linguagem nordestina - Aécio Silva Júnior
Vaqueiro atualizado - Alexandre Gomes de Oliveira
Os sertões, "ontem" e "hoje" - Calyne Porto de Oliveira
Nunca julgue um livro pela capa - Delfábio Moura Silva
Feira: ontem, hoje e amanhã - Ernandes Santos Oliveira
A esperança de voltar - Igor Oliveira Mota da Silva
Gerações diferentes - Lívia Santos Lima
Lembranças - Lucas Messias da Costa
Dividido - Luciene de Oliveira
A semelhança entre o passado e o presente - Pedro Silvino da Costa Filho

O SERTÃO GEOGRÁFICO – p. 67

Lado meio cabra de ser - Aécio Silva Júnior
A quixabeira - Alexandre Gomes de Oliveira
O oásis do sertão - Calyne Porto de Oliveira
Sertão, o melhor ar - Delfábio Moura Silva
Laços rompidos - Ernandes Santos Oliveira
A vida e as mudanças - Igor Oliveira Mota da Silva
Uma beleza escondida - Lívia Santos Lima
Holocausto zoomórfico - Lucas Messias da Costa
A vida em meio ao cinza - Luciene de Oliveira
O poder da chuva - Pedro Silvino da Costa Filho

O SERTÃO HISTÓRICO – p. 90

Canudos, retrato de um povo que chora - Aécio Silva Júnior
Difícil e longa subida - Alexandre Gomes de Oliveira
Santo és tu, Monte Santo - Calyne Porto de Oliveira
Enredos do sertão - Delfábio Moura Silva
Aula de história - Ernandes Santos Oliveira
Os carreiros - Igor Oliveira Mota da Silva
Um triste passado - Lívia Santos Lima
Fanáticos - Lucas Messias da Costa
A história por trás de um olhar - Luciene de Oliveira
Canudos - Pedro Silvino da Costa Filho

O SERTÃO HUMANO – p. 114

Mulher sergipana - Aécio Silva Júnior
Vovô, sertanejo testado - Alexandre Gomes de Oliveira
Meu jovem avô - Calyne Porto de Oliveira
Chicão, o rei do sertão - Delfábio Moura Silva
Mulher nordestina - Ernandes Santos Oliveira

Há terra ou há fome - Igor Oliveira Mota da Silva
Um dia cheio - Lívia Santos Lima
Entre camelôs e galinhotas - Lucas Messias da Costa
Os verdadeiros heróis - Luciene de Oliveira
O homem de muita sorte e pouca sabedoria - Pedro Silvino da Costa Filho

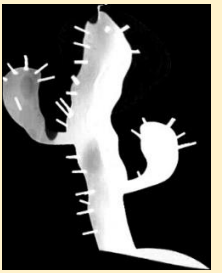
SERTÃO HUMORÍSTICO – p. 138

Papo de cabra - Aécio Silva Júnior
Sexta-feira 13 - Alexandre Gomes de Oliveira
Chumbo trocado - Calyne Porto de Oliveira
Resenhas do sertão - Delfábio Moura Silva
Nunca brinque com sua mãe - Ernandes Santos Oliveira
Meio caminho andado - Igor Oliveira Mota da Silva
O inesperado ladrão - Lívia Santos Lima
Caatinga! - Lucas Messias da Costa
Alumeia! - Luciene de Oliveira
Os velozes piadistas - Pedro Silvino da Costa Filho

SOBRE OS AUTORES – p. 168

TEXTOS DAS ORELHAS DA EDIÇÃO IMPRESSA – p. 179

APRESENTAÇÃO[1]



Este livro foi fruto do projeto "Oficina de Criação Jovens Cronistas do Sertão", aprovado pelo Ministério da Cultura, conforme o Edital Bolsa de Fomento à Literatura (ver Diário Oficial da União nº 144, de 30 de julho de 2015). Neste prefácio, serão descritas as etapas envolvidas na realização do projeto, de modo tal que o/a leitor/a possa conhecer toda a história desse grupo de jovens cronistas, que seguirá encantando a vida com seus textos.

A oficina de criação, com duração de 60 horas, foi desenvolvida no Colégio Estadual 28 de Janeiro, situado na cidade de Monte Alegre de Sergipe, no alto sertão, com o objetivo de incentivar 10 estudantes da escola (Ensino Fundamental e Médio), selecionados a partir de seu interesse pela criação literária, a produzirem crônicas sobre o sertão sergipano, abrangendo: o sertão histórico, o sertão geográfico, o sertão humano, o sertão humorístico, e o sertão contemporâneo. Também como parte integrante da oficina, foram realizadas visitas culturais a locais relevantes do sertão sergipano, baiano e alagoano, de modo a oferecer ao grupo a necessária informação sobre os temas em foco e a motivação para a produção textual.

A equipe responsável pelo desenvolvimento das ações contou com a coordenadora Christina Bielinski Ramalho, professora-doutora do Curso de Letras/Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe, os

[1] Foi mantida a apresentação da edição original em livro de 2016. Algumas alterações foram feitas na apresentação dos/as autores/as e equipe.

coordenadores-adjuntos Carlos Alexandre Nascimento Aragão, mestre em Linguística e professor do Colégio Estadual 28 de Janeiro, e Antônio Fernando de Araujo Sá, professor-doutor do Curso de História da Universidade Federal de Sergipe, e com os monitores, mestranda e mestre do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, Ariene Braz Palmeira e Éverton de Jesus Santos, que assinam as orelhas deste livro.

A seleção dos estudantes foi organizada e aplicada por Carlos Alexandre Nascimento Aragão em duas etapas. A primeira etapa, a inscrição dos estudantes interessados, resultou em mais de 70 inscrições. No dia 8 de outubro, foi realizada a segunda etapa da fase de seleção. Essa etapa envolveu uma produção de texto e aconteceu na própria escola em três turnos (manhã, tarde e noite).

A proposta da redação foi a seguinte: “Considerando que você se candidatou a participar do projeto ‘Oficina de Criação Jovens Cronistas do Sertão’, dirija uma carta à coordenadora do projeto, a professora Christina Ramalho, explicando os motivos de seu interesse e apresentando seus pontos de vista sobre a importância da literatura para a sociedade e sobre a ideia de ver o sertão sergipano representado em crônicas escritas por jovens estudantes. Faça uso de todos os itens que devem compor uma carta (mínimo de 20 e máximo de 40 linhas)”. A carta não podia conter elementos que identificassem seu/sua autor/a, já que a escolha seria feita às cegas.

Na sequência da fase de seleção, a professora Christina fez a leitura dos textos e foi responsável pela definição dos 10 selecionados. Os textos foram separados em dois envelopes: "Ensino Fundamental" e "Ensino Médio", de cada qual Christina escolheu, respectivamente, três e sete textos. Feita a escolha, o Prof. Carlos Alexandre identificou a autoria, e os estudantes selecionados foram convidados a integrarem o projeto, participando da primeira reunião, no dia 23 de outubro, quando foram discriminadas para o grupo todas as etapas posteriores.

Assim, Aécio Silva Júnior, Alexandre Gomes de Oliveira, Calyne Porto de Oliveira, Delfábio Moura Silva, Ernandes Santos Oliveira, Igor

Oliveira Mota da Silva, Lívia Santos Lima, Lucas Messias da Costa, Luciene de Oliveira e Pedro Silvino da Costa Filho passaram a viver a experiência de serem jovens cronistas com a missão de "contar/cantar" sua terra.

De modo sintético, a oficina envolveu leituras e reflexões teóricas e críticas, a partir de textos de importantes cronistas da Literatura Brasileira e de especialistas no gênero, como Candido, Jorge Sá, Coutinho, entre outros; a análise e a revisão da produção dos estudantes; as visitas ao sertão baiano, sergipano e alagoano; e um último encontro do grupo em Aracaju, para a visita ao Museu da Gente Sergipana.

No dia 23 de outubro, portanto, realizou-se a primeira reunião com os 10 estudantes. Carlos Alexandre, Christina, Ariene e Éverton conversaram com o grupo sobre a estrutura do projeto e ouviram, de cada um/a deles/as, relatos sobre sua experiência com a produção textual e sua vivência no sertão sergipano. A reunião também envolveu a leitura de crônicas e a distribuição de livros de crônicas a serem lidos por todos/as, em uma espécie de roda de livros, com trocas espontâneas entre eles e elas. Nessa mesma reunião, foi proposta ao grupo a produção individual de uma crônica com o seguinte tema "O que é o sertão para você?". O objetivo era levar cada um/a a pensar sobre sua terra, sua gente, sua história. Os textos produzidos passaram a também integrar o projeto do livro.

Na reunião do dia 4 de novembro, houve vários momentos: inicialmente, conversou-se sobre o que é uma crônica, suas peculiaridades, sua linguagem, o hibridismo que permite que poesia e ficção também estejam presentes em uma manifestação do gênero. Os/As jovens apresentaram suas visões sobre o tema, para que o grupo pudesse chegar a um conceito básico e delinear as possibilidades criativas que a crônica, em sua diversidade filosófica, humorística e lírica, permite.

Em seguida, foram feitos comentários sobre as crônicas de Rubem Braga, Luís Fernando Veríssimo, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Affonso Romano de Sant'Anna e da cabo-verdiana Vera Duarte, que

foram lidas desde o encontro anterior. Além das impressões dos/as jovens cronistas sobre o que foi lido, observaram-se os recursos de que os/as cronistas se utilizaram para iniciarem suas crônicas. Discutiu-se como é importante buscar cativar o/a leitor/a desde o princípio, instigando-o/a a continuar a leitura.

Também nesse dia, foi fechado o cronograma das viagens que seriam feitos em janeiro e foram definidas as ações para o encontro de dezembro: conversa com o professor Luciano, de Geografia, que atua no colégio; continuação das leituras dos/as cronistas elencados; montagem individual de um "caderno do/a cronista", no qual ficariam registrados os apontamentos dos encontros; leitura de crônicas de Ronaldo Correia de Brito, que produziu textos sobre o sertão; leitura dos artigos indicados pelo professor Fernando Sá. Além disso, ficou acordado que Éverton e Ariene fariam o acompanhamento individualizado da produção que levou esses/as jovens a serem selecionados, de modo a verificar, a partir das cartas escritas, a possível necessidade de alguma abordagem gramatical que promovesse o aperfeiçoamento da consciência dos recursos da escrita.

No dia 15 de novembro de 2015, o grupo se reuniu com dois objetivos: realizar trocas de ideias sobre os livros que foram anteriormente distribuídos pela professora Christina e dar continuidade à roda de leitura; e ouvir a fala do Prof. Luciano, de Geografia, que apresentou as diversas peculiaridades geográficas e ecológicas do sertão, promovendo um momento de debate sobre o envolvimento dos sertanejos com suas questões. Esses dois momentos foram regados por falas carregadas de expressões e sentimentos sobre o sertão de cada um/a dos/as participantes, pois cada um/a deles/a tem um olhar diferenciado, mesmo que, em alguns momentos, ideias comuns fossem compartilhadas.

Em dezembro, mais precisamente no dia 27, os/as cronistas se reuniram com o professor Carlos Alexandre para discutirem o texto "Regionalismo literário e sentidos no Sertão", de Albertina Vicentini.

Esse texto foi indicado por Fernando Sá como leitura prévia para preparar as viagens de janeiro, afinal, os/as cronistas visitariam o sertão baiano (Canudos, Euclides da Cunha e Monte Santo) e precisavam se inteirar da história e do modo como o sertão passou a integrar o universo literário brasileiro. A discussão foi efervescente, devido ao fato de alguns aspectos serem novos para o universo dos/as jovens.

Durante o mês de janeiro, o grupo dedicou-se às viagens e ao paralelo registro, sob formas de crônicas, de tudo o que foi visto e vivido. Ariene, Carlos, Christina e Éverton acompanharam as produções dos/as jovens, algumas delas postadas no blog criado para a divulgação das ações: www.jovenscronistasdosertao.blogspot.com.

A visita ao sertão baiano aconteceu de 8 a 10 de janeiro. Durante todo o percurso, o Prof. Dr. Fernando Sá (História/UFS) fez comentários sobre os locais visitados e as histórias envolvidas. Com o apoio da Secretaria de Educação do Estado de Sergipe, que cedeu um ônibus para o transporte do grupo, o trajeto envolveu as seguintes cidades e pontos de visitação: Euclides da Cunha, Monte Santo, Canudos, Museu Euclides da Cunha ou Memorial de Canudos, Instituto Popular Memorial de Canudos (local onde está guardado o cruzeiro de Antônio Conselheiro), Parque Estadual de Canudos, Nova Soure, Biblioteca Comunitária Maria das Neves Prado ou Biblioteca do Paiaiá. Uniram-se, ainda, ao grupo, o professor-doutor em Letras Raiff Magno Barbosa Pereira, professor do Colégio Pedro II na cidade do Rio de Janeiro, o professor-mestre em Biologia André Azevedo, que atua na Universidade Estácio de Sá também no Rio de Janeiro, e a bacharel em Letras pela USP, Gabriela Ramalho Pelosi. Os três participaram voluntariamente da atividade, oferecendo suas contribuições para enriquecer os debates durante as viagens.

Desde a subida de três quilômetros íngremes do Monte Santo, que já conta com mais de dois séculos de histórias de romarias, ao universo fabuloso dos episódios da Guerra de Canudos, contados pelo escritor e poeta José Américo Amorim (ou Zé Américo), à maravilhosa

descoberta da Biblioteca do Paiaiá, tudo foi motivo para se pensar e repensar a história do sertão. Destaca-se aqui a passagem pela Biblioteca do Paiaiá.

No dia 10 de janeiro, na parte da manhã, o grupo visitou, no povoado de São José do Paiaiá, no município de Nova Soure, BA, a Biblioteca Comunitária Maria das Neves Prado (também conhecida como "Biblioteca do Paiaiá"). Recebidos por Geraldo Moreira Prado (conhecido como “Mestre Alagoinha"), doutor em Ciências Sociais Aplicadas, mentor e grande responsável pelo ousado projeto de instalar em pleno sertão baiano um espaço cultural desse porte, todos ouviram um rico depoimento sobre a história da biblioteca, que hoje reúne 115 mil títulos, o que lhe vale o título de maior biblioteca rural do mundo.

Através de apoios nacionais e internacionais, participação em editais e colaboração de universidades, a Biblioteca consegue não só ampliar dia a dia seu acervo, como oferecer à comunidade e a pessoas de outras regiões cursos de formação e diversas atividades culturais, cuja contribuição para o crescimento dos hábitos de leitura e de escrita é visível. Hoje a luta de Mestre Alagoinha e sua equipe é por conseguir o necessário suporte para que a catalogação de todo o acervo seja feita, assim como a disponibilização de obras raras on-line.

A experiência foi extremamente emocionante, principalmente pelo exemplo de dignidade, seriedade e vocação para o bem que o sr. Geraldo e sua equipe deram ao grupo. Ficou, entre todos, a torcida para que, cada vez mais, a Biblioteca do Paiaiá receba não só o reconhecimento mas o apoio que merece. Vale a pena visitar a Internet e descobrir as belas referências a esse fenômeno cultural. E, claro, ir ao local e conhecer essa beleza é um privilégio.

A próxima etapa das viagens programadas aconteceu em Sergipe e em Alagoas. Os locais visitados foram: a Grota do Angico, local onde Lampião, Maria Bonita e o bando foram assassinados; o MAX, Museu Arqueológico de Xingó/SE, onde o grupo pode conhecer muitos

aspectos relacionados ao registro das primeiras manifestações humanas nas veredas sertanistas, além da Feira de Nossa Senhora da Glória. Já em Piranhas, Alagoas, os/as jovens cronistas conheceram mais histórias sobre o sertão e o cangaço, visitando o Museu do Cangaço e tendo a oportunidade de se banharem nas águas do Rio São Francisco.

No dia 16 de janeiro, o grupo, acompanhado pelo professor Carlos Alexandre, visitou a Feira de Nossa Senhora da Glória e ali circulou entre feirantes e compradores, descobrindo coisas interessantes como o fumo de rolo, que é produzido pelo agricultor sem o auxílio da máquina. Remédios naturais para todos os tipos de doença, cordéis do "Gauchinho" e CDs antigos, o jogo de sedução feito pelos feirantes por meio de chamamentos curiosos e engraçados, tudo foi absorvido pelo grupo com interesse e interlocução com as pessoas.

No dia 17 de janeiro, o destino foi a Serra da Guia, na cidade sergipana de Poço Redondo. Lá o grupo conheceria Dona Zefa da Guia e sua comunidade quilombola e subiria a Serra da Guia para chegar ao cemitério dos africanos ex-escravos que ali viveram. A comunidade, atualmente, mescla os povos africanos e indígenas. São 74 famílias, que reúnem 760 pessoas. Meninos da comunidade acompanharam o grupo na dura subida, que, no entanto, propiciou o encontro com uma paisagem belíssima e locais cheios de magia. Pular corda e fazer cabo de guerra com cipó, ver os detalhes de uma casinha de taipa, observar o cemitério dos ex-escravos, ver de perto um show de orquídeas que crescem livres de controle nas árvores do local, tudo despertou o interesse do grupo.

Recebeu todos em sua casa Dona Zefa, 71 anos, líder quilombola, 26 filhos (8 seus mais 18 adotivos), rezadeira, madrinha de 3.000 crianças, parteira com 5.000 nascimentos nas mãos e analfabeta com o discurso oral mais lindo do mundo. Verdadeiro anjo na terra! O grupo rezou em círculo uma Ave-Maria na igreja Nossa Senhora da Guia, que D. Zefa construiu com o auxílio da comunidade e que ficou pronta há seis

meses. Depois ela fez uma oração improvisada, demonstrando sua competência como oradora. A emoção tomou conta de todos!

No dia 4 de março, o grupo, mais uma vez, fez uma viagem. Dessa vez, os jovens do sertão foram à capital sergipana, Aracaju, para conhecerem o Museu da Gente Sergipana e, em seguida, ao cinema. Para a maior parte dos jovens, foi a primeira vez que assistiram a um filme numa sala de cinema. *Deuses do Egito*, em 3D, e brincadeiras no parque de diversões eletrônicas do shopping. Afinal, eles são praticamente meninos e meninas!

O resultado final de todo esse processo é a publicação deste livro, *Jovens cronistas do sertão*, reunindo 60 crônicas (10 sobre a visão que os/as jovens tinham sobre o sertão antes do início do projeto, e outras 50, sendo 10 sobre cada temática). A tiragem de 300 exemplares será distribuída em escolas sergipanas, divulgada em lançamentos nas escolas, na Universidade Federal de Sergipe, em espaços culturais interessados e em notícias em jornais e rádios locais. Em matéria de linguagem e respeito às ideias de cada jovem, procurou-se respeitar ao máximo as crônicas originais. Quando houve necessidade de alterações significativas, professores e monitores deram a necessária assessoria.

Dividido em seis partes: O que é o sertão para você, Sertão contemporâneo, Sertão geográfico, Sertão histórico, Sertão humano e Sertão humorístico, além da apresentação dos autores e da equipe, *Jovens cronistas do sertão* tem, para todo o grupo, um significado que extrapola um projeto organizadamente realizado. O sertão, mais que nunca, está definitivamente dentro do coração de cada um/a. É, afinal, um “sertão crônico”!

Antônio Fernando de Araujo Sá
Ariene Braz Palmeira
Carlos Alexandre Nascimento Aragão
Christina Bielinski Ramalho
Éverton de Jesus Santos

O QUE É O SERTÃO PARA VOCÊ?

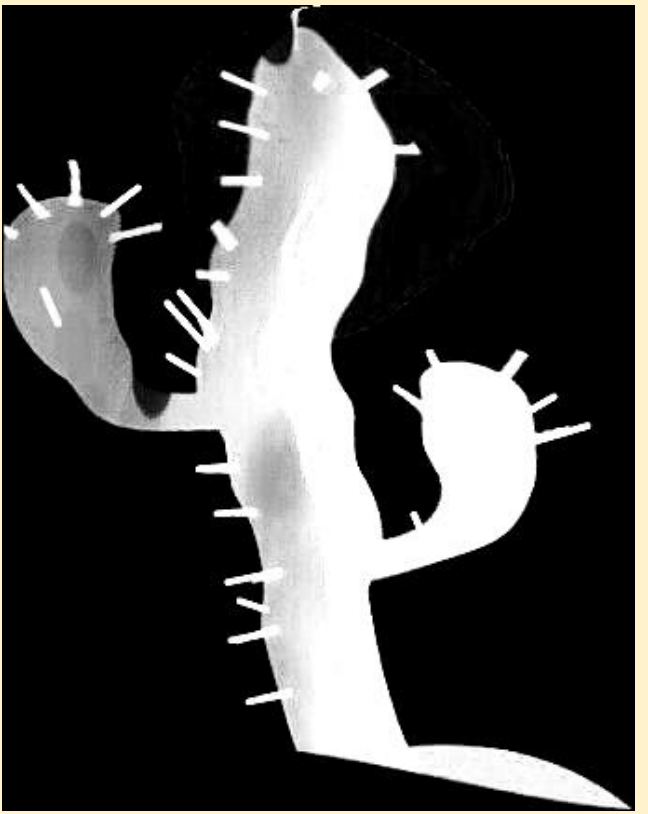


Foto celular Aécio

Foto celular Lívia

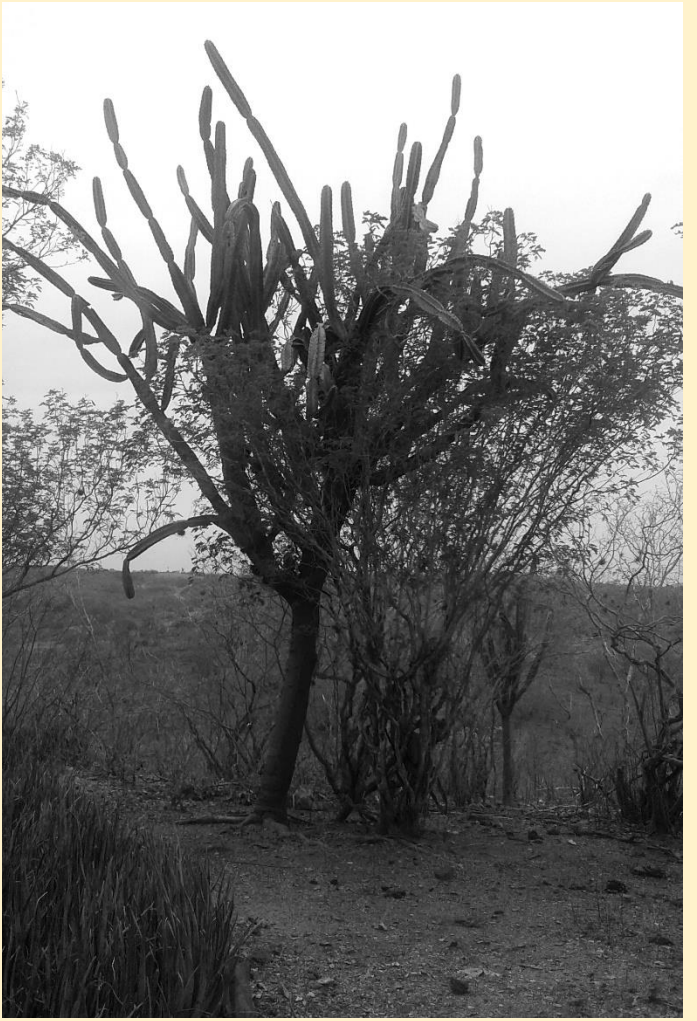


Foto celular Eernandes

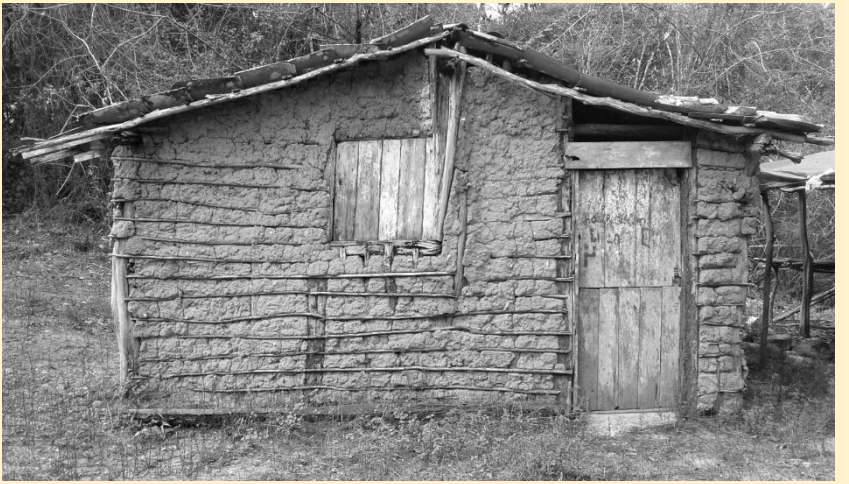


Foto celular Lucas

Sertão

Aécio Silva Júnior

Ao meu ver o sertão é lugar de pessoas marcantes, com histórias sofridas de vida, mas que sempre estão achando motivos para sorrir. No sertão, infelizmente, há grandes sofrimentos, como a dor, a seca, a fome e tantos outros males que crescem por quase toda sua parte. Cresci nesse sertão, vi e vejo muitas pessoas indo embora em busca a de uma vida melhor. Vi animais morrerem de fome e sede pela falta de chuvas, vi e vejo jovens de 13, 14, 15 anos se tornarem pais ou mães de família quase que à força, pois viam no casamento a esperança de uma vida melhor.

Definir o sertão é muito difícil, mas me arrisco a dizer que o sertão é lugar de miscigenação de raças e culturas. Lugar de gente feliz, porém sofredora, que nele vive quase sempre por falta de opção ou de oportunidades. Mas também, um lugar de pessoas de fé. Fé essa usada como apoio para aguentar os tormentos do dia a dia em meio aos problemas que vêm ocorrendo com o tempo, como a falta de interesse de muitos jovens sertanejos pela leitura e pela escrita de textos como poemas, contos, crônicas, romances e etc.; as manifestações culturais locais que a cada dia "morrem" um pouquinho e ficam esquecidas (a exemplo da quadrilha, samba de coco, reisado ...); além de outro grande problema que é a falta de interesse de muitos sertanejos em conhecer, pesquisar e compartilhar as histórias de sua terra.

Caso o interesse dos sertanejos por seu lar fosse outro, isso mudaria a visão que muitos (inclusive eu) têm de que o sertanejo em sua grande maioria não valoriza o lugar onde vive. A meu ver, estamos (digo estamos pois não sou exceção) deixando de fazer nossa parte, que é preservar, cuidar e dar valor ao lugar em que vivemos. Em vez disso,

os sertanejos fecham seus olhos e fingem que não veem a caatinga ser devorada pelo homem, os animais sumirem do mato, a água ficar escassa, sua cultura rica e bonita enfraquecer e os valores das antigas famílias muitas vezes serem deixados de lado.

Apesar da definição dura e, em um primeiro olhar, exagerada, a característica principal que gostaria de enfatizar no sertão é a coragem e a força que ele passa para seus habitantes, pois, observando o exemplo da própria terra, capaz de renascer a partir do mínimo, nós nos tornamos mais fortes e preparados para a vida e para lidar com os problemas do cotidiano.

Lugar misterioso

Alexandre Gomes de Oliveira

Lugar misterioso. Algumas pessoas poderiam até me perguntar: “Como ou por que você chegou a essa conclusão de que o sertão é misterioso?

Eu, simplesmente, responderia: “Através de entrevistas com pessoas mais idosas”.

Pessoas que vieram antes da gente e que relatam fatos repletos de mistérios para os quais seria muito legal que a gente tivesse um olhar mais profundo. No sertão há histórias que estão desaparecendo com a morte de pessoas idosas, porque conhecimentos importantes que elas têm ficam esquecidos ou desconhecidos pelas pessoas. O sertão, por isso, morre junto com elas.

Eu tenho uma imensa curiosidade. Quero estudar mais para conhecer melhor o sertão, que é o lugar onde vivo. E divulgar esse conhecimento para outras pessoas do sertão mesmo e também para gente de outros lugares.

Muitos imaginam e comentam que o sertão é um lugar pobre, divulgando aquela velha ideia de que no sertão apenas há a seca e o cangaço. Mas, através de nossas pesquisas, podemos mostrar a elas que estão erradas. O sertão é um lugar rico em fatos históricos, lendas, entre outras coisas.

Por tudo isso, para mim, o sertão possui mistérios que nós mal podemos imaginar, e eu irei continuar minha busca sobre esses mistérios, para mostrar às pessoas que parecer não é ser.

O sertão como eu vejo

Calyne Porto de Oliveira

Para mim e muitos outros jovens, o sertão é apresentado como aquela terra seca, onde o solo é pedregoso, há pouquíssima chuva durante o ano, com o clima caracterizado pelas altas temperaturas. Lugar onde encontramos plantas aparentemente sem vida e, nas estradas, cadáveres de animais que morreram de fome e sede devido à seca que castiga a região.

Terra de pobreza e miséria. De um povo sem acesso à educação e, por muitos, visto como sem "cultura". Povo esse de numerosas famílias. Muitas crianças.

Particularmente, creio que nosso sertão nordestino não se resume única e exclusivamente a tudo isso que foi falado.

Seu clima e sua paisagem têm suas peculiares belezas, de que são exemplo a catingueira, o mandacaru e o xique-xique. É impressionante como essas plantas, que mais parecem estar mortas, sobrevivem à seca e com uma chuvinha "renascem" e enverdecem. E como os animais são resistentes! O povo, com sua capacidade de adaptação ao clima, é acolhedor, sábio e humilde.

Além disso, o sertão não está "eternamente" em seca, seca e mais seca. Há seus momentos chuvosos e de temperaturas menos elevadas. Seu povo estuda e é de grande cultura.

Aos meus olhos, nosso dever é, através de nossas crônicas, que serão transformadas em livro, desmitificar a ideia de sertão como apenas terra seca, mostrando que ele vai muito além disso. Ajudar a acabar com essa mania nossa e dos outros de ver o sertão de modo errado.

Sertão nordestino

Delfábio Moura Silva

Sertão de graças e de belezas naturais e com temperatura quente e de clima seco, na maior parte do ano, por causa da escassez de chuvas... Mas seu povo é bastante batalhador e forte e consegue se acostumar e viver com essa realidade.

Nessa realidade, contudo, há grandes riquezas, como o solo semiárido, os belos animais (fonte de alimentos), a flora (caatinga), cuja planta mais conhecida é o famoso mandacaru, que admiramos muito por sua capacidade de guardar água por muito tempo. Mandacaru que é como o nosso povo: vive na seca, no meio da caatinga, sob o sol escaldante e, mesmo assim, permanece ali vivo, verde e forte...

E não podemos deixar de fora o mais importante, o nosso velho Chico, lindo, maravilhoso, com uma beleza estupenda. Anualmente turistas do mundo inteiro vêm visitar o Rio São Francisco, especialmente aqui no nordeste, pelos muitos lugares históricos e de diferentes estilos e belezas. Pena, entretanto, que a coisa mais importante para nós nordestinos pode um dia chegar ao fim... O rio não está como era antes, cada vez mais a água diminui... e de quem é a culpa? Nossa! Nós, que causamos o desmatamento, a poluição, o mau uso e a contaminação da água... Podemos fazer algo? Sim, mas apenas se nós, nordestinos, que somos tão fortes, tomarmos, o quanto antes, as atitudes necessárias.

Além do Chico, nosso sertão tem uma grande extensão territorial, que, em grande parte, é composta só de mata com vegetação seca, mas, em alguns lugares, pode se encontrar vegetação verde. Daí as surpresas

que a paisagem também pode trazer, revelando este nordeste belo, rico, maravilhoso, simplesmente ser... sertão nordestino.

E reinará o verde-limão!

Ernandes Santos Oliveira

Lá vem o sol abrindo a manhã com seu brilho encantador, queimando as folhas das árvores que secas já estão por conta do clima tão quente que ali se abriga.

A terra seca nada produz, as plantações morrem sem forças para crescer por falta da chuva, que não vem.

Os sertanejos lutam em uma guerra na qual a arma é a fé, trabalham sem descanso para conseguir sobreviver em suas batalhas diárias contra a fome e a miséria, os guerreiros da esperança sofrem na seca com fé que um dia a chuva chegará, a seca acabará e nas terras férteis do sertão reinará o verde-limão!

Descobrindo saídas

Igor Oliveira Mota da Silva

O nordeste é uma terra encantadora, tanto por suas belezas naturais como pela culinária diversificada, tradições e festas populares expressivas da cultura do seu povo.

A natureza deste solo, que pode parecer carente de vigor durante o verão, é especialista na sobrevivência neste período (o mais seco e quente do clima nordestino). Muitas árvores, arbustos e ervas, inclusive, são estimados pelo valor medicinal que contêm.

Falando da caatinga, não posso esquecer do desmatamento, que vemos ocorrer de forma contínua para dar esforço ao cultivo de lavouras. Por conta de tal fato, percebe-se uma significativa diminuição das chuvas nos últimos anos, o que dificulta ainda mais a vida do camponês.

Por outro lado, a vida do trabalhador rural sofreu grande mudança com a reforma agrária ocorrida em vários pontos do sertão. Graças a ela, muitos pais de família garantiram o direito à propriedade e à igualdade social.

Acompanhando essas conquistas, o povo obteve ainda mais qualidade de vida com o advento de programas de estímulo ao cultivo agrícola e de assistência técnica. Assim, os camponeses aumentam a capacidade de produção e crescimento econômico.

Tudo isso fez diminuir a miséria no campo e a saída de pessoas da área rural para a urbana e para outras regiões do Brasil.

O sertão está descobrindo saídas em si mesmo para uma vida melhor.

O que é o sertão para você?

Lívia Santos Lima

Sertão... Tão difícil defini-lo... Arrisco dizer que sua definição não caberia em um único livro, quanto mais em um texto qualquer! Mas eis que cada um tem sua história e um desabafo para contar.

Pois bem, estou farta de ver pessoas hipócritas dizendo orgulhar-se de morar no interior, no sertão sergipano, mas que, na verdade, não veem a hora de ir para a capital e desfrutarem de mordomias.

Ser um sertanejo não é nascer ou morar no sertão... É mais que isso: é orgulhar-se de fazer parte de uma nação sofredora, mas que nunca se deixa abater por problemas rotineiros e sacrifícios diários, ser feliz e agradecer todos os dias por ter o que comer, ter pouco no bolso e saber partilhar com o próximo, enfim, é buscar se tornar um ser humano melhor a cada dia.

O sertão tem um sabor amargo na boca de muitos, mas um ar de vitória para aqueles que lutam dia após dia, para cuidar de sua pequena criação de animais. Poucos tiveram a chance de concluir o colegial, sendo sua única opção o trabalho quase escravo nas lavouras durante o inverno, e no verão o trabalho em seu próprio sítio ou nas fazendas de grandes latifundiários, para chegar a casa, já ao cair da noite, sem energia nem para dar atenção ao seu próprio filho, que dirá à sua esposa. Triste, não?

O sertão é dono de fauna e flora exuberantes, dignas de excelentes fotos e admiração intensa. Mas poucos conhecem esse valor e sua cultura e tradições vão sendo esquecidos com o tempo.

O sertão de outrora já não é mais o mesmo de hoje, e aos poucos as pessoas esquecem de seu verdadeiro significado. E esse significado, caro leitor, cada um traz dentro de si.

A cor da terra, as cores da gente

Lucas Messias da Costa

Um lugar onde tudo é quente e vermelho, onde talvez até o arco íris tenha apenas essa cor - se é que alguém já viu algum por lá! Um lugar onde a água da chuva evapora antes mesmo de tocar chão. Esse é o sertão!

Nesse lugar, a única coisa que consegue se manter verde e úmida é o cacto, dentre as espécies existentes nessa terra: mandacaru, xiquexique, quipá, palma, cabeça de frade, nenhuma abdica de espinhos que protegem sua raridade particular, tornando-a intocável. Espinhos que antigamente eram folhas e foram se adaptando evolutivamente conforme a secura foi aumentando.

Dizem que o sertão tem esse nome porque quando os portugueses saíram do litoral e foram adentrando o território brasileiro perceberam que essa região tinha um clima quente e seco e a chamaram de "desertão". Com o tempo e em consequência do sotaque português, a região "desertão" se transformou em região "de sertão" e, depois, apenas em "sertão".

No sertão todo mundo come buchada, carne de sol, canjica, vatapá, acarajé, entre outras. O povo adora dançar um "forrozim", com traços de baião, xote e xaxado. As pessoas passam a noite toda levantando poeira – e poeira é que não falta.

É tanto vaivém que me lembrei de um causo... Um homem estragou todo o solado de sua bota nova no meio de uma noite de dança e, para não perder a noite, cortou um pedaço de papelão, vedou o rombo em

sua bota e continuou a dançar. Claro que o papelão também se desgastava e por isso de tempos em tempos ele saía e trocava por outro pedaço. Enfim esse é o tipo de gente que vive no sertão...

Em meio a tanto calor, poeira vermelha e vegetação acinzentada existem cores diferentes sim! São as cores da gente. Gente que é generosa, prestativa e hospitaleira. Gente que, diferentemente dos cactos, não é egoísta o bastante para proteger sua superioridade em relação ao ambiente em que vive com espinhos. Muito pelo contrário, vive em algum tipo de mutualismo com a terra que tanto a castiga.

Vida que transborda

Luciene de Oliveira

Certa vez, assistindo a um noticiário na TV, deparei-me com uma notícia que me chocou. Mais uma vez estavam falando do sertão... O fato chocante era que outra vez se falasse de secas... Nunca vi um noticiário falar de algum ocorrido feliz no sertão. É sempre tragédia. Desta vez a notícia tratava de um longo período de estiagem que vinha se arrastando por anos, e que trouxe muitas tristezas aos moradores da região, os SERTANEJOS, que vinham perdendo seus animais devido à falta de alimentos provocada pela falta de chuvas.

Esses períodos de estiagem causam, sim, muitos danos aos sertanejos. No entanto, o sertão é bem mais que uma seca. A sociedade o vê como um lugar "FEIO" cheio de analfabetos, sem "cultura e educação" predestinados ao fracasso e a morrerem no meio do sol quente. Como dizem: "um bando de caipiras sem educação". Comem iguais a selvagens, não usam talheres, comem de COLHER em uma CUIA. Vivem no meio do mato, não sabem nem em que século estamos. Não têm cultura, só têm o forró, que é uma breguice... É muito fácil ouvir pessoas de outros lugares falando desse modo sobre o povo sertanejo. Coitados, não sabem de nada.

Aqui nós temos diversas belezas... Cultura? Ah... isso nós temos de sobra. E digo mais, os moradores mais antigos do sertão não tiveram acesso à educação e, apesar deste obstáculo, fizeram parte da literatura brasileira. Quem nunca ouviu falar em cordel? Um gênero textual lindo e muito difícil de se criar! Principalmente para os "alfabetizados", dominar essa arte é coisa de quem mora no sertão e não de graduado. As novas gerações estão evoluindo juntamente como o resto universo. Se antigamente os moradores eram formados na universidade da VIDA, hoje em dia são formados nas universidades

federais, e não há nenhuma diferença em relação às outras. São até mais importantes, pois, saber se virar no sertão não é fácil.

Não se engane: o forró é o nosso ritmo mais conhecido, mas não é o único. Aqui tem xote, baião, xaxado, o forró pé de serra (que é diferente do outro) e as toadas (durante as vaquejadas, os aboiadores começam a declamar seus versos). O São João é a festa mais conhecida, mas isso não significa que é a única. Ocorrem durante todo o ano as VAQUEJADAS (ou "Pega de boi no mato"); para os mais religiosos há as NOVENAS (rezas durante todo o dia para agradecer aos santos algum milagre ao som de pífanos, que se arrastam até a noite); nos pequenos povoados nos fins de semana ocorrem os leilões (leilão que aqui é "lelão"); em algumas cidades há as famosas corridas de jegue, as cavalgadas... Não faltam festas aqui!

O povo do sertão também é muito antenado e não fica atrás de ninguém não. Estamos conectados nas redes sociais, sabemos qual é a última moda em Paris (como se isso importasse...), não somos um bando de coitadinhos que vive no meio do mato isolado do resto do mundo.

Para saber o que é o sertão de verdade, talvez precisássemos conhecê-lo de perto e não nos basearmos apenas no que as mídias divulgam. Pois, por meio delas, em geral, só saberemos das tragédias. O resto é como se não existisse. O sertão não se resume à morte. Ao contrário, a vida transborda por aqui.

Entre a estiagem e a chuva, a alegria

Pedro Silvino da Costa Filho

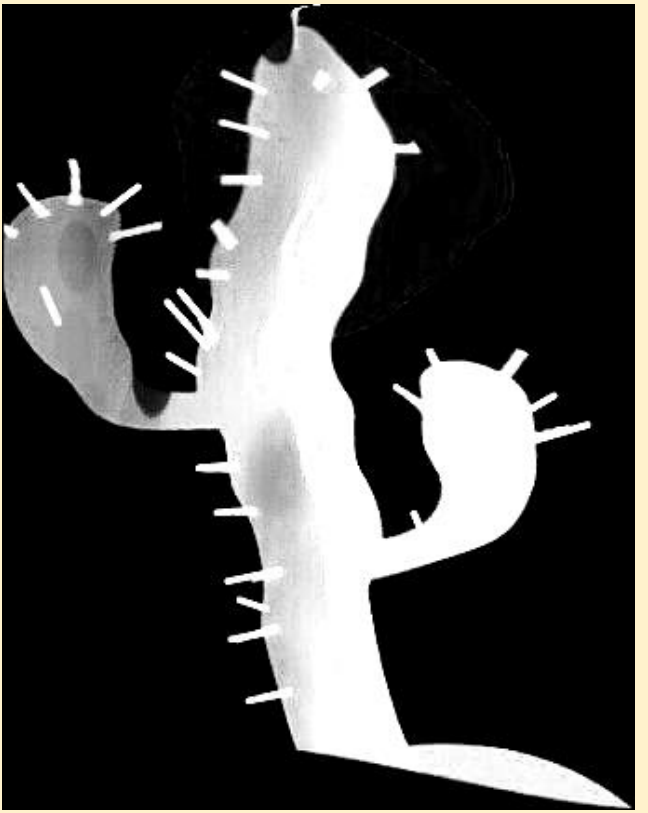
O sertão é uma subregião do Nordeste, localizada entre o agreste e o meio norte. Seu clima predominante é o semiárido e por isso sua característica maior é a estiagem, o que faz dele um lugar de sofrimento.

Apesar do clima seco e da ausência de água em algumas regiões durante alguns períodos do ano, existem no sertão algumas áreas de terreno úmido e é graças a essa umidade que essas áreas são os principais campos destinados à agricultura. E seus cultivos predominantes são o milho, o feijão e a cana-de-açúcar.

Mas no sertão não existe só estiagem, também há diversão! É lugar de muito "cabra valente" e muita "mulher bonita". E não é só isso não, aqui também tem muita comida boa, como baião a dois, buchada de bode, rapadura, paçoca de carne seca, entre outras. Também há muitas danças, como o xaxado, a congada, a capoeira, o baião, o trevo e o bumba-meu-boi. Pura animação aqui no sertão.

Há a estiagem e há uma chuva de alegria!

O SERTÃO CONTEMPORÂNEO



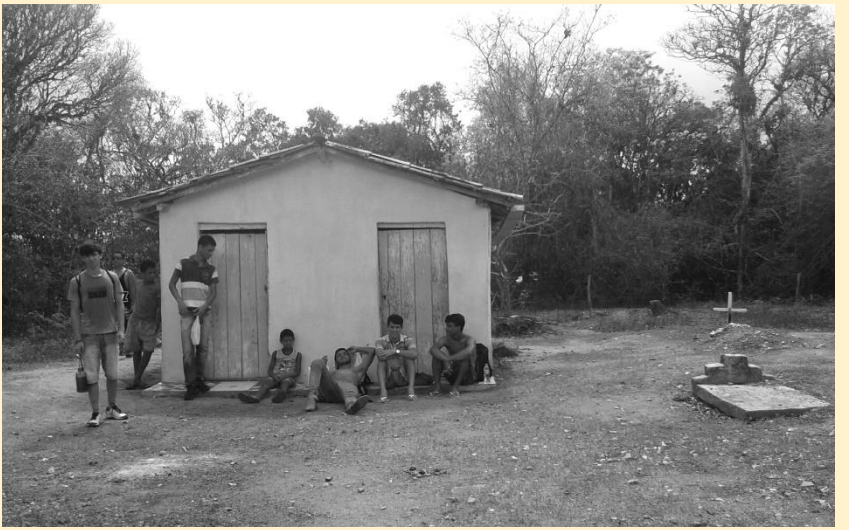


Foto celular Calyne

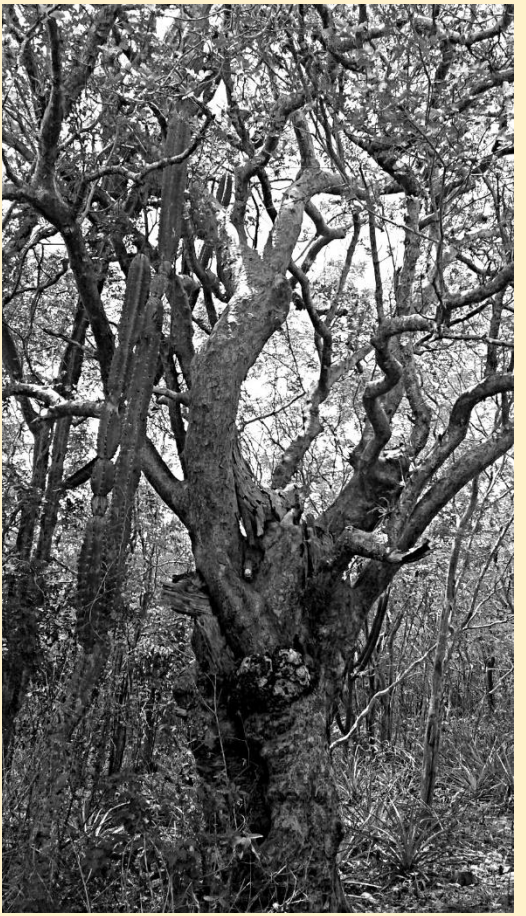


Foto celular Igor

Foto celular Carlos Alexandre

Foto celular Pedro

A ditadura contemporânea da linguagem nordestina

Aécio Silva Júnior

No sertão sergipano vivemos uma nova ditadura, a qual nomeio ditadura contemporânea da linguagem nordestina. A modernidade chegou a todos os cantos da minha terra natal, e com ela trouxe os novos meios de comunicação. Por isso, hoje já é possível expressar opiniões de várias formas através das redes sociais, o que realmente parece muito bom, no entanto, em vez de aproveitarem esse poder entregue em suas mãos, muitas pessoas não seguem o propósito das redes sociais, que, do meu ponto de vista, é a facilitação da comunicação e das diversas formas de trabalho, além de serem ferramentas para que tenhamos maior participação na sociedade.

Só que as pessoas ultimamente têm usado as redes para, de forma indelicada e idiota, ficarem criticando e corrigindo as formas e os jeitos de falar dos "cabras" nordestinos, compondo, assim, uma ditadura mascarada, em que, para sermos aceitos, todos temos que falar de modo padrão. O pior é que esse tipo de ação tornou-se hábito de muitas pessoas, que vão além do mundo virtual e chegam arrogantemente ao mundo real. O resultado disso tudo é que hoje em dia não podemos nos dar ao luxo de usar nossa linguagem nativa livremente, a não ser que o façamos em um contexto muito específico.

Já não se podem mais pronunciar tranquilamente expressões como: "prumode", "adonde", "cúma", "entre pra dentro", "arribe", "aperreio", "quinem", "arrupío", "alevante", "lapá de venta", "suba para cima" ou "bardo", sem que alguém nos corrija ou pelo menos nos olhe com ar de menosprezo. Claro que há as exceções, afinal as pessoas não reagem de forma igual. Existem aquelas pessoas que realmente têm a boa intenção de nos ensinar a "falar bem", pois

temem que passemos vergonha em alguma outra situação, e a diferença entre as pessoas que têm boa ou má intenção está na forma de abordar a pessoa “errante”, o que demonstra se são elas arrogantes ou prestativas para com o próximo.

Infelizmente, sabemos que muitas das pessoas que criticam ou dizem ser errada a forma nordestina de falar, acham que assim estão se sobressaindo e ficando "acima" de nós (nordestinos), mas sei que elas não conseguem (a não ser em suas mentes repugnantes é claro), pois o que faz com que um ser humano se sobressaia em relação a outro é seu coração em junção com suas atitudes. O fato de alguém falar errado ou de maneira diferente não o faz ser pior ou melhor do que outro, simplesmente demonstra a diversidade das línguas, e mostra que a mesma vem de outro núcleo familiar, talvez com outra realidade, na qual o vocabulário é diferente. Por isso, não adianta quererem padronizar a nossa forma de falar, já que tal hábito está no nosso sangue.

Agora me diga, "prumode que" as pessoas se incomodam tanto e reagem de forma tão áspera às vezes com nosso linguajar nordestino? Nossa forma de falar nunca nos empatou alcançar nossos objetivos e trabalhar em qualquer área de trabalho, seja ela medicina, direito, pedagogia, engenharia, etc. Será inveja do nosso sotaque ou das nossas palavras originais e quase únicas? Ou é ira por causa da alegria que sai da voz do nosso povo? Bom, isso não sei, mas espero que essa nova ditadura termine logo e que todos possam falar da forma que se sintam bem, desde que seu próximo entenda, claro!

Vaqueiro atualizado

Alexandre Gomes de Oliveira

Vaqueiro velho, o chapéu que usava era feito de couro, sua pele era queimada e cheia de cicatrizes, seus arreios eram de ferro e maltratavam o pobre animal. Vaqueiro atualizado usa boné de marca, protetor solar para não queimar a pele, seus arreios são de couro e as esporas, de ferro.

Antigamente quando os velhos vaqueiros dominavam o sertão, era tudo diferente, o modo de falar, de andar, de vestir e outras coisas mais. Falavam palavras erradas, faltando letras muitas vezes, não sabiam nem pronunciar algumas palavras, e muito dificilmente alguém corrigia a fala do outro.

Suas roupas eram diferentes das de hoje em dia. A maioria era feita de couro, e, quando esquentava, ficava fedendo. Seu andar se diferenciava, pois andavam puxando de uma perna por conta de ferimentos causados por paus, espinhos entre outras coisas.

Já nos dias de hoje, há uma vaqueirama nova e atualizada. São todos certinhos, tanto no modo de falar, no de pronunciar e também no jeito de caminhar. Se alguém errar alguma palavra, é logo corrigido, dizem que a pessoa “parece que não estudou”.

Nos dias de hoje, suas roupas são diferentes da que os verdadeiros vaqueiros vestiam. Hoje não usam mais roupa de couro e sim “de marca”. Não querem vestir de couro, pois, segundo eles, justamente porque quando ficam no sol por muito tempo as roupas fedem muito.

Agora não é mais chapéu de couro, e sim boné de marca! Usam protetor solar, para não se queimarem, não querem mais andar a cavalo e sim de carro ou moto. Caminham olhando-se, para ver se o

caminhar está correto, pararam de usar botas, usam tênis da coca-cola... É assim que andam as coisas em nosso sertão.

Os sertões, "ontem" e "hoje"

Calyne Porto de Oliveira

Certamente, nos dias atuais, um(a) jovem sertanejo(a) ao questionar seu avô, sua avó, após ter perguntado como era a juventude sertaneja de antigamente (de pouco mais de cinco décadas), é provável que tenha ficado surpreso(a), espantado(a) com as mudanças acontecidas. Por isso, antes de escrever a respeito do atual sertão, creio que é preciso entendermos os tempos passados. Com base nisso, caros(as) leitores(as), verificaremos as transformações ocorridas com a juventude camponesa com ao passar do tempo, até chegar ao que é atualmente.

Um bom exemplo é a vestimenta. Segundo conta minha avó, antigamente, as jovens sertanejas usavam vestidos longos e rodados (não podendo ser de alça). Já os jovens sertanejos usavam camisas, calças, bermudões de panos leves, não jeans. Hoje, boa parte das garotas têm liberdade de escolha, podendo usar aquele vestido, aquela blusa de alça, calça, short e saia de tamanho menor, sem correr o risco de levar uma "surra" dos pais (mas é bom lembrar que isso ainda acontece, embora menos). Os garotos, então, estão bem mais preocupados com a imagem (desmentindo aquela ideia de brutalidade). Eles aderiram à maneira sertanejo-universitária de vestir-se, com camisas e calças justas, largaram o chapéu de palha, os chapelões, pelos bonés "John john", etc.

Um outro exemplo é o gosto musical, bem como a própria mudança na música sertaneja. Minha amada avó conta-me que não só os mais velhos, mas também os jovens, costumavam escutar a chamada "música caipira", que relatava histórias de sertanejos(as) que migraram para a cidade "em busca de uma vida melhor", fugindo da seca, lamentando-se e desejando voltar ao sertão. Além desse estilo,

havia apenas as canções religiosas e as dançadas ao acompanhar da sanfona.

Hoje, os jovens sertanejos escutam música de todo tipo, sejam elas internacionais ou nacionais (samba, funk, axé), já que eles têm meios para isso (celular, por exemplo). O sertanejo universitário é o da vez, com canções falando sobre ostentação, farra, bebida. Agora, os festejos são mais agitados (direcionados à garotada), não do tipo familiar.

Não menos importante e interessante, outro fato é que os pais eram bem mais rígidos com os(as) adolescentes do campo. A maioria destes obedecia cegamente aos pais, dividindo as tarefas domésticas, e mal tinham tempo para brigar entre si. As moças saiam acompanhadas da mãe, do irmão, das tias, em festejos de qualquer tipo. Hoje, os(as) adolescentes, principalmente os garotos, têm muito mais liberdade que os de antigamente. Garotos(as) vão a festas e vários outros lugares sozinhos(as) ou acompanhados(as) dos amigos, não temendo receberem rótulos como “mau caráter”, “sem vergonha”, etc. Claro que há aqueles(as) que aprontam, passam dos limites. Porém, é como popularmente dizem: "toda vida existiu". Não é algo único e exclusivamente atual.

Antigamente, acrescenta minha avó, a juventude camponesa ia pouquíssimo à cidade, em longos intervalos de tempo, em geral à feira, etc. Hoje, notamos que há um grande número de jovens do campo dividindo-se entre campo e cidade, pois muitos(as) deles(as) estudam, realizam outra atividade em que há a necessidade de ir à cidade.

Não estou afirmando que a juventude sertaneja de antigamente era melhor ou não que a de hoje e vice-versa. Alguns dizem que o sertão já nem mais existe, outros que ele está "mudado". Acredito que mudou, afinal por que o sertão não pode se transformar assim como outras regiões?

O que tem de ser feito? As pessoas não se prenderem ao "sertão mítico", mas sim voltar o olhar para o sertão de hoje visando compreendê-lo antes de julgá-lo.

Nunca julgue um livro pela capa

Delfábio Moura Silva

O sertão hoje está muito mudado e evoluído, com olhares bastante reluzentes, mas nunca deixando de possuir o adorável sabor e as belezas naturais que só o nordeste pode ter e tem. É um pedaço de chão inesquecível para aqueles que o visitam e que podem ter a certeza de que vão querer voltar várias vezes, pois nunca esquecerão o que viram por cá.

Na educação, o nordeste evoluiu e evolui cada vez mais. Isso é algo muito importante para as pessoas que habitam esse território, pois a educação mostra que devemos transformar o olhar das pessoas de outros lugares do Brasil.

Várias pessoas ainda insultam os nordestinos, com adjetivos como burros, analfabetos e outras coisas mais. Esse tipo de insulto ninguém poderia fazer sem realmente conhecer a cultura e também a sabedoria dos povos do nordeste. Sim, várias pessoas não sabem ler e nem escrever, mas se lhes pedirem para fazer uma conta, de qualquer valor, acertam na lata, sem nem um esforço... Parece que até têm uma calculadora na cabeça.

O mais legal é que muitas pessoas, também agora, tentam mudar a situação com projetos que levam o conhecimento do sertão para todos. E estão conseguindo, pois, com essa atitude tomada, consequentemente, provocam mudanças no que o povo fala do sertão nordestino. O nordeste é um livro que vai muito além da capa que visões equivocadas insistem em lhe dar.

Feira: ontem, hoje e amanhã

Ernandes Santos Oliveira

Minha cidade é muito pequena, não oferece opções de lugares para uma saída no final de semana, por isso gosto de ir à feira livre todos os sábados, pois é a única animação que existe por aqui.

Mas há 10 anos a feira livre de Monte Alegre não é mais a mesma. Primeiro foi o local que mudou e consequentemente os gêneros fornecidos para a comunidade também mudaram. Antes, cada feirante vendia um tipo de produto, ou seja, verduras, cereais, frutas, carnes ou lanches.

Depois da mudança de local, passando para o novo "CEASA", os comerciantes passaram a diversificar os produtos. De tudo se vende na feira livre, da verdura ao celular, da cachaça a um simples refrigerante, e o caldo de mocotó bem quentinho para curar a ressaca após a festa, o jogo de "piu" que reúne velhos amigos... De tudo um pouco.

Com a mudança da feira, o artesanato entrou em extinção. Hoje já não se encontram mais as panelas de barro mais conhecidas como "guidá de barro". Elas foram trocadas por produtos industrializados, pois muitos feirantes e artesãos deixaram de ir à feira, uns por causa da mudança de local e outros por causa de doenças, velhice e vários outros motivos. Com isso, abriram espaço para novos feirantes e novos produtos.

O certo é que a feira livre de Monte Alegre tem muitas histórias interessantes para serem contadas, e, esteja onde estiver, alguns costumes a irão acompanhar, outros ficarão no passado. Mas nunca esquecidos pela gente simples que faz acontecer a feira livre. Livre do esquecimento e do preconceito.

A esperança de voltar

Igor Oliveira Mota da Silva

Por lá não se encontra a tal solidariedade; os prazeres daqui não se têm na grande cidade; mas dizem: "não se escolhe aonde ir quando se quer felicidade". Desta terra não esquecem os que saem para trabalhar, mesmo tendo lucro sempre desejam voltar; o amanhecer também não é igual aos de cá, em vez do cantar do galo, há o relógio a despertar.

Quem poderá ser aquele moço, vivendo a batalhar, trabalhando pelo dia e à noite indo estudar? Esse homem é Antônio, jovem do meu lugar.

De família pobre, Antônio trabalha ajudando seu tio Josias, habilidoso pedreiro, nas construções. Com o dinheiro ganho, compra roupas, perfumes e os materiais escolares; apesar do cansaço, à noite vai à escola, porque sabe o quanto as coisas eram difíceis antigamente e que, mesmo assim, as pessoas aprendiam.

Muitas vezes ajuda a mãe e os irmãos a pagarem as contas. Como terminou o ensino fundamental, decidiu ir trabalhar fora, pois o período era de crise financeira, e as construções ficaram escassas. Ele até tentou encontrar trabalho nas roças, mas outras pessoas chegaram antes, e, além disso, as máquinas são preferidas pelos proprietários.

Assim sendo, partiu há 12 meses para trabalhar em uma firma no estado de São Paulo. Objetivava ganhar o máximo de dinheiro possível no período de dois anos e seis meses e, quando voltasse, comprar dois terrenos de casa na periferia da cidade, pois com o crescimento urbano ele lucraria rápido.

Estava triste por ter deixado a escola, mesmo sendo apenas durante esse tempo. Contudo, queria construir sua casa e, enxergou a oportunidade de realizar esse desejo.

No entanto, chegando lá, não encontrou exatamente o esperado. A firma estava quase falida, Antônio e os conterrâneos trabalharam sem almoço muitas vezes. No final de três semanas foram trabalhar em outra construtora.

Lá conseguiram boas condições de trabalho e salários razoáveis. O jovem não perdeu tempo, focou apenas no serviço, porque queria voltar logo para concluir os estudos e ingressar na faculdade.

Porém, Antônio e os amigos passaram a fazer, todo final de semana, churrascos, nos quais bebiam bastante. O rapaz acabou se tornando dependente do álcool (à noite, depois do expediente, comprava sempre uma garrafa de vodca no bar da esquina da rua onde morou); como se recuperava rápido do efeito da bebida, o encarregado da obra não notava a leve embriaguez do moço no dia seguinte.

Depois de 12 meses nessa rotina, Antônio percebeu que precisava deixar o vício imediatamente. Contudo, não conseguia. Então decidiu vir embora, a fim de encontrar ajuda e livrar-se do alcoolismo.

Já aqui, no sertão sergipano, gastou boa parte do dinheiro tratando-se. Posteriormente, com a saúde restabelecida, comprou um terreno, conforme havia planejado.

Quanto aos colegas do rapaz, permaneceram por lá. Trabalhando em outra firma, dois desses acidentaram-se e acabaram morrendo, provavelmente porque o trabalho não tinha segurança.

Alguns criticam o jovem, todavia ele diz: “Algumas vezes não é o homem que erra, mas quem deseja ser. Sempre podemos rever as decisões”.

Gerações diferentes

Lívia Santos Lima

O dia mal começou, e os pássaros lá fora cantam desenfreados. Resolvo então levantar de minha tão confortável cama e seguir à varanda. Sento-me no chão e é impossível não admirar o sol que vem surgindo no horizonte. A cor, os pássaros, as árvores, a vida!

Lembro-me agora de algo que aconteceu há um tempo. Foi numa noite chuvosa de domingo, e o sono tinha evaporado do meu corpo. Minha avó então resolveu me contar umas histórias de quando ainda era criança. Tratou logo de dizer que a vida não era nada fácil, mas que era bem feliz! Água encanada? Não tinha. Fogão a gás? Também não. Estradas movimentadas? Que nada! Pois é, o sertão está bem moderno se comparado ao sertão de outrora, o qual nem energia elétrica tinha, que dirá televisão.

Depois de ouvir estes tristes relatos, imaginei como era difícil para os meus conterrâneos sobreviverem longe da civilização. Sem videogame, celular, automóveis, e tudo o que hoje é indispensável na vida de qualquer ser humano.

— Mas vó, como eles se divertiam? – Indaguei estarrecida só de imaginar o quão nostálgica deveria ser a vida naquele sertão atrasado.

Após dar umas boas risadas com minha expressão, ela respondeu toda sorridente. Disse que se pudesse teria impedido a modernização e deixaria o sertão exatamente como era! As festas, segundo ela, eram as mais belas... As músicas eram todas à base de sanfona. As famílias estavam sempre unidas e com a esperança no olhar. Esperança de trabalhar e ter o suficiente para não passar fome; esperança de poder sorrir todos os dias; esperança sim, porque preguiça não! Aos dez ou doze anos os garotos já saíam nos carros de bois até a roça ou mesmo

para irem pegar água nos mais remotos lugares. Também ajudavam os pais a ordenharem as vacas e todo o necessário. O trabalho era duro mesmo!

O leitor há de se recordar que naquele tempo não havia energia elétrica, e consequentemente nem aparelho de TV. Mas sabe o que eles tinham? Rádio! Sim, rádios que funcionavam à base de pilhas; eram baratas e duravam bastante tempo, o que claro era ótimo, uma vez que ostentar dinheiro não era uma opção. O que tinham era investido na compra de terras ou animais. Animais estes que eram criados soltos nas grandes extensões de caatinga, e quando o dono precisava do animal saía à procura do mesmo. Estranho não? Mas era assim! Apenas os grandes fazendeiros tinham terras suficientes para a criação de seu rebanho. Além disso, eram poucos os que tinham carros. Dava até para contar nos dedos quantos eram em cada região! Com as estradas de terra quase inacessíveis e os raros automóveis, o sertão esbanjava um ar ainda mais rústico.

As plantações eram a base da sobrevivência. Abóbora, feijão, milho, palma, tinha de tudo! Para consumo próprio ou mesmo para os animais. Mas para plantar tinha que ser de arado mesmo! E para quem não o tinha, o jeito era usar a enxada. Dito isso, se imagine você, amigo leitor, debaixo de um sol escaldante, cansado e com fome, e tendo que plantar dessa forma! Sem trator! Difícil, não?

O sertão mudou! Mudou muito! Energia elétrica, transporte, televisão, e principalmente cultura. Ah... cultura! Cultura de verdade? As danças, o modo de falar, as festas típicas, tudo foi modificado ou nem existe mais...

Não é à toa que os mais velhos sempre contam histórias antigas aos netos: eles gostavam da vida que levavam. Além do mais, recordar é viver! (...)

Raramente se encontrará no sertão um adolescente sem celular. Uma casa sem garagem ou aparelhos eletrônicos com as mais variadas funções. E as famílias? Minha avó tem doze irmãos, enquanto eu tenho apenas um! Percebeu a diferença?

Definitivamente o sertão modernizou-se. As pessoas modernizaram-se. O que ainda não sei é se isso é tão bom quanto parece...

Lembranças

Lucas Messias da Costa

Na estante, um relógio de cordas (presente de casamento) que toca uma leve melodia nas horas cheias e um aviso a cada meia. Seus ponteiros emitem os sons que pontuaram, como um metrônomo, o ciclo de vida daquela união. Ao lado, objetos de decoração obsoletos, personagens de porcelana, um rosário, quadros e porta-retratos com fotografias dos filhos, noras, genros, netos e bisnetos, que, igualmente, contam a história dos 54 anos desde o enlace na igreja. Embaixo da velha cama de casal, repousa uma velha e empoeirada caixa de sapatos, contendo etapas de vidas distintas de cada um dos personagens que encheram a casa de alegria, correria, angústias, esperanças e propósitos.

Na nossa caixinha, aquela por muito tempo esquecida, é que estão escondidos os verdadeiros tesouros. Lembranças de outras vidas que transitaram em algum momento pelo cotidiano do casal. Observo os olhos, semblantes, roupas, penteados datados e permanentemente impressos em papel colorido ou preto e branco. As descrições e legendas escritas à caneta atrás das fotos conseguem me transportar através do tempo e o espaço. Vivo a cena, enxergo perspectiva e cores numa superfície plana e monocromática.

A vida segue um rumo incerto e inexplorado. Uns partiram cedo. Outros simplesmente desapareceram aos poucos. Deixaram de frequentar, tornaram-se amigos distantes até a total ausência.

— Quem é esta, Vó?

— Essa… Como era mesmo o nome dela, filho…?

Às vezes a memória a abandona. Contudo, volta alguns segundos depois.

— Essa era a filha de fulano. O nome não lembro… Mas sei que ela casou e foi morar em São Paulo. Soube que morreu uns anos depois. Lamento que tenha findado assim. Um rosto jovem que já não compartilha as lembranças com ninguém. Cumpriu sua missão.

Encontro fotografias da minha mãe e todos seus irmãos ainda criança, nada inusitado... Fico me perguntando como alguém consegue se lembrar de tanta gente.

— Como a senhora sabe?

— Ué? E eu não sou a mãe? A mãe conhece os filhos.

Um sorriso brota do rosto marcado. Eu devolvo na mesma moeda.

Continuamos a ver fotografias...

— Olha este! Como tinha sardas! Pegava muito sol. Menino levado. Vivia com os dedos cortados de cerol...

— Nossa! Os dentes dessa eram bem pra fora… Chupou muito dedo.

Ela sabe de todos os motivos. Cada marca, cada mudança de rumo.

— Mas ela usou aparelho e ficou perfeito. Respondi.

— Usou? Pergunta assustada.

— Usou. Não lembra?

— Sabia não.

A memória em que guarda o passado com perfeição em seus detalhes, perde alguns fatos mais recentes. Daí falar o prefixo do nome de uns três outros netos até acertar o meu.

— Ô Jo...Ma...Li...Lucas!

Depois de um dia inteiro revendo o passado, chega a hora de partir. Pedir a bênção, ser abençoado. Tudo isso me deixa inquieto e me faz pensar se eu, quando mais velho, terei o que lembrar, se NÓS teremos.

Toda essa "geração Instagram" nunca vai saber como é o cheiro de uma foto antiga, como é tirar uma foto pensando apenas em salvar aqueles que estão contigo para sempre em sua vida e não pensando em quantos likes vai receber. Também não viveram a ansiedade de ter de esperar uma semana para ver uma foto, correndo ainda o risco de descobrir que saiu queimada.

A facilidade traz consigo a futilidade. Antes das câmeras digitai, as pessoas não tinham muitos retratos durante a vida, mas todos eles eram muito especiais. Na contemporaneidade existe uma avalanche de imagens" É muita informação! Bilhões de selfies, e 99% deles estão soterrados entre as primícias de uma timeline!

Dividido

Luciene de Oliveira

Assim está o jovem sertanejo. Não é fácil tomar uma decisão que muda por completo a sua vida. Os sonhos são imensos, mas a realidade é dura e amarga. Abrir mão de algumas coisas para conquistar outras é bastante comum e normal, no entanto, deixar a família para tentar alcançá-las é muito difícil.

Sonhar ou viver a realidade? Ficar ou partir? São esses os questionamentos dos jovens que habitam o sertão de hoje. Em casa terão sempre o colo da mãe, o cafuné do pai, os chatos dos irmãos para arengar e também a roça de seu pai cheia de palmas para serem plantadas, animais para alimentar (só que não tem alimento). Não terá seu próprio dinheiro, já que não há trabalho, pois, assim como os jegues foram trocados pelas motocicletas, o homem foi substituído pelas máquinas, que predominam no campo.

Indo embora não terá mais o ombro da mãe para chorar quando quebrar a cara, nem o apoio da família. Vai ter que encarar tudo sozinho, em contrapartida, poderá se jogar no mundo e tentar conseguir um emprego para realizar o sonho de todo sertanejo: ter uma vida melhor.

Atualmente a grande maioria dos jovens está tomando a decisão de ir embora. Optam por deixar tudo para trás: a seca, a fome, a miséria, a falta de empregos, os amigos, a família... a vida difícil da roça e se jogam no desconhecido, em terras nunca antes pisadas por eles, para enfrentarem obstáculos gigantescos.

Ao completar 18 anos de idade o menino de outrora que agora é homem se decide e escolhe partir. A cena é comovente aos olhos de qualquer criatura. A hora em que a cria tem que dar adeus para a sua

mãe. O filhote que há poucos anos corria para seus braços assustado ou para chorar: quando caía e se machucava no chão, quando caía e se machucava arriado de paixão, quando caía e quebrava a cara por causa de alguma menininha.

Hoje corre para dar-lhe um abraço e um até logo, chora no seu colo, já não mais de amor por qualquer garota e sim de amores pela mulher da sua vida, a rainha, sua genitora, a sua amada mãe, a qual não sabe se voltará um dia a ver. Então, despedir-se se torna algo impossível.

Adeus, jamais! Mesmo sabendo que esse até logo pode não ser tão logo assim, se tudo ocorrer como planeja e conseguir se firmar numa empresa de construção civil, talvez... Se tudo der errado, provavelmente nunca mais.

São muitos “talvez” e “se”, compondo uma infinidade de incertezas. Certeza mesmo, somente uma: vai tentar como nunca, vai dar seu suor, seu tempo, sua dedicação, se preciso o sangue, a vida para realizar o sonho de ganhar bem e ajudar a família. O corpo vai embora, mas a alma permanece num só lugar: em casa, com a sua mainha, seu painho e os chatos dos irmãos.

Decidir largar tudo e se jogar no mundo desconhecido é uma atitude que requer muita coragem. Por mais corajoso e forte que seja um indivíduo, ao sair de casa, o jovem sertanejo sempre fica dividido entre conquistar os seus sonhos e voltar par o aconchego de casa.

Viver preso no meio da seca vendo tudo morrer e inclusive os sonhos faz com que o jovem chegue a uma decisão: viver de um sonho a se realizar, mesmo estando dividido entre voltar e continuar.

A semelhança entre o passado e o presente

Pedro Silvino da Costa Filho

Em Sergipe, num povoado da cidade de Poço Redondo, existe uma mulher cujo nome é Zefa da Guia. Mulher guerreira, corajosa, humilde, sábia, diz que troca um saco de dinheiro por um de paciência!

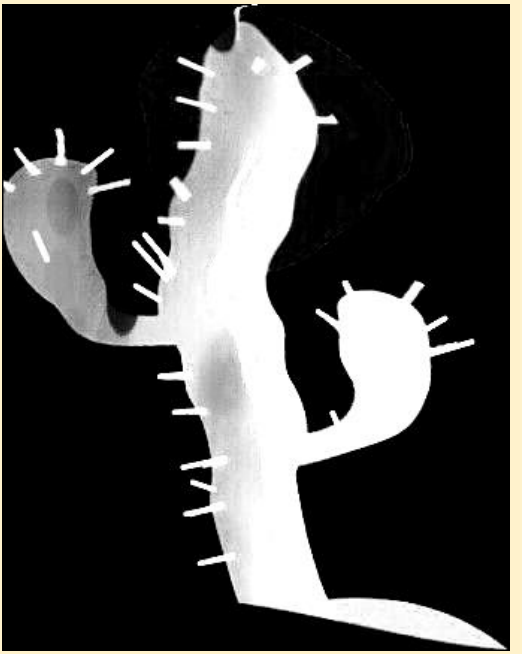
Com todas essas qualidades, tornou-se líder da comunidade em que vive. Com essa responsabilidade e poder, e como ela é muito religiosa viu a necessidade de construir uma igreja na comunidade. Então se esforçou e conseguiu construí-la. Igreja de Nossa Senhora da Guia. Ela também se dedica muito à educação das crianças da comunidade e gosta de aconselhar a todos.

Gesto muito parecido com o de Antônio Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, que, em 1896 e 1897, tornou-se um líder religioso de sertanejos pobres revoltados pelos altos impostos cobrados pelos governantes e pela opressão que sofriam.

Juntaram-se, fizeram uma comunidade e lutaram contra as tropas do governo. Dentro dessa comunidade, Conselheiro pregava o evangelho numa igreja construída por eles mesmo.

Acontecimentos antigos que parecem com os de hoje em dia na comunidade em que vive Zefa da Guia.

O SERTÃO GEOGRÁFICO



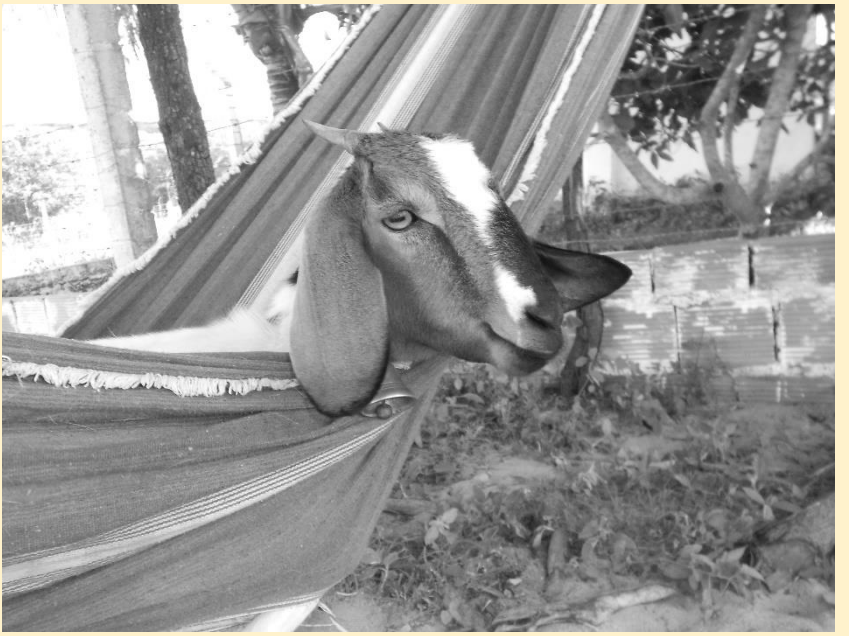


Foto celular Aécio

Foto celular Ernandes

Foto celular Luciene

Foto celular Lívia

Lado meio cabra de ser

Aécio Silva Júnior

Em meio aos tons de cinza e ao ar de filme de faroeste da paisagem, eis que surge um sinal de vida! Ali!

Por entre o pouco que brota da terra, eis que surge ela, toda garbosa, toda faceira e amostrada, a procurar algo que lhe sirva de alimento para um dia a mais de sobrevivência. E quando encontra esse algo, devora-o como se fosse a última vez que algo entraria por sua boca. Isto porque no fundo, no fundo, ela tem a consciência de que essa pode ser a última refeição em meio aos perigos a que está exposta, já que a qualquer momento pode ir parar na panela ou simplesmente não ter a mesma sorte de encontrar alimento no amanhã que vai chegar.

Esta, pois, é a vida das cabras sertanejas! Elas nascem, crescem, engordam quando chove, emagrecem quando a seca chega, algumas reproduzem, outras nem chegam a esse estágio de vida, coitadas... Morrem no caminho. No entanto, a maioria tem o mesmo fim ...

... O bucho de alguém (como já dizem os mais velhos, "cacete nelas!"). Mas, apesar desse triste fim, cabras são animais alegres, que brincam, correm, comem e se divertem do seu jeito. Talvez elas sejam tão puras e inocentes que não percebam o fim que as espera, já que sua irracionalidade não as impede de sentir dor ou sofrimento. É difícil saber, mas uma coisa é certa, as cabras são um exemplo de vida a ser seguido, pois, assim como elas, devemos viver como se não houvesse amanhã, já que realmente não sabemos se haverá.

Devemos brincar mais, e não levar a vida tão a sério, já que são as coisas simples do dia a dia que nos fazem felizes, como o simples fato de comermos algo de que gostamos quando estamos com fome ou

devorarmos algo gostoso como se fosse a nossa última refeição, de tanto que é o prazer sentido. E nesse momento, talvez deixemos de agir como humanos e assumamos nosso lado meio cabra de ser.

A quixabeira

Alexandre Gomes de Oliveira

Em meio a tantas outras árvores do sertão, está a quixabeira, hoje muito pouco encontrada. É interessante ressaltar, que no meio do verão, suas folhagens predominam verdes. Suas folhas não caem. Seus frutos brotam no verão. Hoje por conta do desmatamento, corre o risco de ser extinta

O caso é que, com seu caule grosso, a quixabeira consegue armazenar mais água do que as demais no inverno. No terreno onde meus avós residiam há um pé de quixabeira, bem no pé da cerca. Ela é enorme! Seus galhos grandes se contorcem uns com os outros. Segundo meus avós, ela reside ali por há mais ou menos 25 anos. O pé é muito resistente.

Ela até hoje aguentou todos os verões por mais quentes que fossem. Logo no começo do verão, começam a brotar seus frutos verdes. Mais ou menos lá pelo meio da estação, seus frutos amadurecem, e logo vemos suas frutas roxinhas denominadas quixabas.

É interessante que seus frutos são bem pequenos, são de formato arredondado, fruta doce, e tão gostosa, porém no final deixa um gosto um pouco amargo na boca....

Pensem bem antes de cortarem a pobre quixabeira, que hoje nos dá a oportunidade de falarmos sobre ela.

O oásis do sertão

Calyne Porto de Oliveira

Após uma noite chuvosa, o sol imperioso e "amostrado" anuncia que já é dia. O céu encontra-se azulado e repleto de nuvens brancas, bem brancas. Eu vos convido, caros(as) leitores(as), a conhecerem um dos muitos cenários naturais e encantadores deste nosso sertão nordestino.

Envolvendo tal cenário, temos formações vegetais arbóreas como o juazeiro e o umbuzeiro e arbustivas como as catingueiras. Todos são formações de galhos retorcidos e raízes profundas, que servem não apenas de "sombra", mas também como abrigo e fonte de alimento para certos animais.

Seguimos caminhos, neste chão cheio de pedras onde tímidas gramas aparecem. Aqui e "acolá" visualizamos um mandacaru, cuja fruta é devorada por uma ousada e destemida rolinha (pássaro), que desafia os cactos perfurantes. Menos exibidos os xique-xique, as macambiras, entre outras plantas embelezam nossa trajetória. Porém, cuidado com a raposa, ela esconde-se atrás da paisagem e... ATACA!

Ufa! Recuperada do susto? Mas o que será aquilo? Sertanejos, sertanejas, jegues, cavalos, vacas, bois. Enfileirados. Parecendo hipnotizados. Hum... Creio que chegamos ao fabuloso protagonista desta história: o RIACHO.

Há bastantes riachos aqui no sertão nordestino. Alguns encontrados em propriedades particulares, outros nas beiras de estradas tornando-se lugar de passagem. Em geral, a maioria dos riachos é intermitente (temporária). No entanto, alguns deles resistem até mesmo durante a época da seca.

Não se pode negar a importância desses pequenos cursos de água, os riachos, pois são uma "salvação" para os sertanejos (a), que podem usar essa fonte de água para as atividades domésticas. Assim como para saciar a sede dos animais. São igualmente importantes às plantas que vivem ao seu redor.

Há pessoas que reclamam dessa tal temporariedade dos riachos. Acredito que não deviam fazer isso. Porque pessoas momentâneas entram, passam e vão embora da nossa vida. Os riachos entram, passam e vão embora. Entretanto, eles sempre voltam. Ah, um dia eles voltam. Elas? Nem sempre.

Sertão, o melhor ar

Delfábio Moura Silva

Da porta de casa, vejo o terreiro. Ao longe, há um horizonte de galhos e gravetos, um mar de cinza ofusca os meus olhos, a terra se balança, como se estivesse fervendo, o calor escaldante sufoca, tudo parece pegar fogo, um verdadeiro inferno. São cenas de tristeza, a infelicidade aumenta: muito gado morrendo de sede e alguns animais já mortos, só os ossos. Meus olhos tremem em lágrimas. Essa tragédia acontece tantas e tantas vezes, e o desejo que tenho é ver vida, não mais dor, nesse sertão.

Migrações acontecem, muitos vão embora, outros são fortes, não querem abandonar seu pedacinho de chão, então optam por ficarem, lutando contra a sede, vendo as perdas. Lágrimas caem, a infelicidade aperta, vão se contentando com o que têm, todos os que ficaram rezam, pedem para todos os santos, que abram as comportas do céu e façam chover, e com um pensamento de fé, exclamam: “vamos todos pensar firme, vamos todos pensar forte, pra cair um pingo de água e mudar a nossa sorte”. Repetem isso e pedem ao Senhor que chova no sertão.

O gado que ficou, mesmo com poucas forças, começa a pintar e cabriolar, eis um sinal que a chuva está por vir. A primeira flor do mandacaru sai, e com dois dias a chuva cai. Os sertanejos dão glórias, e aquele choro de tristeza se transforma em alegria. Então o pasto começa a ramar, as barragens enchem, aquele mar de cinza muda de cor rapidamente, e o horizonte que se via antes agora é de um verde reluzente.

A chuva é um presente de Deus para aqueles que são fortes, que ficaram na guerra lutando contra a falta de água e a escassez de chuva,

que vivem em harmonia com a família, mesmo enfrentando tudo isso, não deixam de respirar “o melhor ar”.

Laços rompidos

Ernandes S. Oliveira

Quando a seca aperta aqui no sertão, os açudes e tanques secam e começa o processo de rachadura do solo. Não sei bem explicar o que significa isso, pois não sou um geógrafo ou um geólogo, mas é como se a terra estivesse perdendo as forças e começasse a romper, e aos poucos partir-se em pedaços. Assim percebe-se que a sua força está ligada ao líquido, à água, especificamente a da chuva.

A seca não só rompe o solo, afeta a vida e a rotina das famílias sertanejas que, sem alternativas, são impulsionados a irem embora, deixando para trás suas raízes e tradições à procura de uma vida melhor em outros locais.

Enquanto isso um dos personagens principais do sertão entra em cena: o mandacaru. Esta planta se diferencia do ser humano sertanejo, pois enquanto este foge da seca, o mandacaru resiste ao clima quente e à forte seca. Ele se adapta rapidamente e enfrenta esse período esbanjando a sua beleza esverdeada e dando exemplo àqueles que, ao chegar a seca, rompem os laços e abandonam o sertão.

A vida e as mudanças

Igor Oliveira Mota da Silva

Inevitavelmente estão presentes em todos os dias dos anos da vida da gente, mudando continuamente, em parte por nossa culpa, mas também naturalmente. Tudo parece estar se transformando no contrário.

Em meio a esses senhores do destino, está o nordestino insistindo em fazer escolhas e exercer a liberdade. Talvez seja como já ouvi falar: "Junto às adversidades mora a felicidade". Dentre esses senhores, os mais conhecidos do sertanejo são dois: o inverno e o verão, os mais influentes na dinâmica de sua vida.

A primavera é conhecida por "fulorada", e do outono não se fala. Nos primeiros sinais do inverno, o homem semeia sementes, assim como as plantas da caatinga, que já lançaram as suas há algum tempo. Ele fica ansioso, afinal as chuvas vêm decaindo.

O ser humano tem inveja da natureza semiárida, porque mesmo usando toda a inteligência e capacidade, não consegue a mesma resistência adaptativa da vegetação regional, pois ele não pode diminuir o ritmo de funcionamento do corpo e reduzir ainda mais o consumo de água.

Os verdadeiros heróis daqui lutam para salvarem a si mesmos antes de mais nada. Os homens, enquanto isso, buscam a própria sobrevivência e a da família, consumindo maiores recursos. Isso força-os a deixarem as "raízes", ao passo que as plantas fixam as suas.

Às vezes, esses sujeitos, por influência das condições, não resistem a soltar as lágrimas a escorrer nas curvas do rosto, que correm como o fluxo das águas salgadas dos riachos neste solo acidentado.

A homogeneização capitalista conquista a cada dia um novo terreno em chão nordestino, convivendo com a contradição daqueles que não tiveram ou não têm oportunidade de estudar dignamente. Então, muitos são "atropelados" pelas máquinas. E, na condição social na em que vivem, veem-se obrigados a migrar para as periferias das cidades para submeterem-se ao trabalho informal.

Em busca do progresso, o homem corta a caatinga, condenando todos ao aumento do calor, ressecamento e impermeabilidade do solo, além da diminuição da qualidade do ar. E em forma de um autoengano, acha estar certo...

A natureza ainda vai lhe mostrar a diferença entre certo e errado. Mas, assim como este ecossistema renasce incansavelmente, renovo minha esperança e acredito na transformação de tudo. Busco e convido quem deseje participar de tal acontecimento.

Uma beleza escondida

Lívia Santos Lima

Em meio a arbustos e pedras, eis que surgem as mais variadas formas de vida. De uma flor solitária a uma trilha de formigas. De insetos a belos pássaros. E assim a vida selvagem segue sem nenhuma interferência humana. A caatinga, ainda alheia ao cenário tecnológico e privada de toda a poluição das cidades, esbanja cores rústicas, porém atraentes aos olhos de quem sabe admirar a mais singela das paisagens. Poucos dos que moram ali sabem o significado da palavra extinção. E seria melhor se continuasse assim...

A velha coruja de cor acinzentada me observa como quem desconfia de algo. O joão de barro, por sua vez, canta feliz por finalmente terminar seu árduo trabalho, e agora sobrevoando o majestoso ninho recém construído, pode descansar e aproveitar sua vida de pássaro trabalhador que, como um bom sertanejo, sabe deixar a diversão para depois e seguir com sua responsabilidade.

Os insetos e répteis também têm sua relevância e prestígio. Com formigas não se brinca! São pequenas, mas sabem se defender como brutamontes. Golpes certeiros e violentos. Mais uma legítima testemunha do famoso ditado popular: as aparências enganam. E as catengas (lagartixa-preta)? Sedentarismo não consta como sendo uma de suas características. São tão rápidas que seria um desafio agarrar alguma! E ainda há as cobras... São incrivelmente lindas e misteriosas. Rastejam sorrateiramente em busca de uma presa descuidada, e, quando encontram, logo satisfazem seu ego, matando com uma esperteza digna de aplausos!

As flores eu diria que são quase raras nesta região. No geral, os galhos secos e mandacarus se encarregam de se tornarem as principais características da caatinga. Ainda que com um punhado de sorte e uns

dias de chuva, seja possível encontrar algumas perdidas em meio às urtigas e às folhas secas. (...)

O sol se põe em contraste com a andorinha que vigia incansavelmente seu ninho, as folhas formam um pequeno redemoinho em consequência do vento forte... Mais um dia que se despede.

A noite lentamente abraça este canto isolado da selva de pedras em que o mundo está se tornando. Os homens são mesmo inconsequentes e irracionais! Não percebem que o mundo moderno é um pesadelo vicioso. Mas, em algum momento, a bateria dessa máquina vai acabar, e os vírus estão por vir! E quando isso acontecer ainda vou estar aqui... Esperando alguém se dar conta de que a caatinga não é apenas mato, mas sim, uma beleza perdida e esnobada.

Holocausto zoomórfico

Lucas Messias da Costa

Uma vez alguém me disse que existiam no mundo alguns lugares onde de vez em quando começa a cair uma coisa branca e gelada do céu. Não me lembro muito bem como chamaram, lave... Leve... Nove... Enfim... No início achei que fosse mentira. Onde já se viu? Do céu só cai juá. Achei que era lorota da ararinha azul, que só vivia voando pelo mundo afora.

Pena que interrompeu o voo. Agora não vive mais... nenhuma irmã sequer. Na cela estão as que sobraram, gritando de dor, solidão, fome... E aquele que prendeu acha bonito, sente prazer em ouvir seu pranto. Assobia por mangação. O tal do ser humano.

Lembro a primeira vez que vi um grupo deles de perto, foi uma adrenalina só. Não fiz nada além de existir, mas só isso foi o bastante para exaltar sua fúria, me atiraram tudo o que encontraram no chão. Paus, pedras... Competiam entre si. Para aquele que conseguisse acabar com minha vida, um prêmio: Eu.

Não que eu tivesse alguma utilidade para eles, servia apenas de troféu. Apenas um ícone, com o intuito de exaltar sua superioridade. Provavelmente jogariam minha carcaça fora assim que tivessem alimentado o enorme e instável ego humano.

Queria ser como a suçuarana, que, além de ser muito veloz e ter garras, é o único animal da caatinga capaz de fazê-los correr. Ah, não... É mesmo. Elas também sumiram! Caçadores... Com armas, eles não correm, e assim ninguém tem chance.

Pouco a pouco dizimaram todo o meu povo. A toca onde costumava me esconder, hoje vedada de concreto, serve de alicerce para arquiteturas gigantescas que eles chamam de casa. O sertão finalmente virou mar, mar de cimento.

Não conheço mais ninguém da minha espécie. Hoje vivo apenas para exibição em um campo de concentração que para eles é apenas um zoológico urbano. Aqui caem aquelas coisas brancas do céu de que a ararinha me falou. Estou muito longe...

Tenho saudades da terra firme, dos outros animais, de ter um propósito na vida. Agora sou entretenimento, retrato do inusitado, dominado pelos sapiens nem tão sapientes, apenas aguardando a morte e, com ela, a inevitável extinção da minha espécie.

A vida em meio ao cinza

Luciene de Oliveira

Em meio ao relento, entre o cinza e o vermelho do barro, eis que surge uma figura irreverente, expressiva que ousa colorir o cinza. Entre galhos retorcidos das catingueiras e dos arranhentos, essa figura se destaca. Mas como é possível em meio à paisagem seca do sertão no verão? E lá está ela, esbanjando vida, exibindo o seu verde e a depender da época ainda mostra a sua flor rosa. Não se engane! Ela pode até conquistar a todos com sua bela cor e sua formosa flor, mas, como tudo na vida, ela também tem espinhos.

Nesta terra que todos maldam e dizem não prestar para nada, ela mostra que é forte, suportando longos períodos de estiagem e não perde sua cor. Mostra a todos o seu verde de vida não murchando, e, quanto mais velha, torna-se mais resistente e maior, fincando suas raízes que não são profundas e sim extensas permanecendo ali por quanto tempo o homem deixar. Ao contrário das árvores como a catingueira, que durante o inverno exibe cor e beleza, e, no entanto, com a chegada do verão, perde suas folhas, ficando “pelada”! Restam-lhe apenas os galhos. Perde sua “beleza”, deixando o verde e tornando-se cinza.

Quando plantada a sua folha (que não são como as folhas convencionais) na terra dura e vermelha, enfrenta a fase mais difícil, pois é nela que tem que demonstrar resistência, passando muito tempo sem água ou simplesmente ficando alagada caso haja uma trovoada. Superadas essas fases, está pronta para tudo. Não importa se a terra é seca, pobre em nutrientes, ela resiste fincando cada vez mais suas raízes.

No passado, muitos sertanejos a chamavam de “a batata do sertão”, por resistir a vários longos, rígidos e secos verões, sendo ainda fonte de vida/alimento para muitos animais e também para algumas pessoas. Já inventaram até o brigadeiro feito a partir dela! Como já foi dito, tem espinhos. São pequenos, mas, não se iluda: quando pegam no dedo, ai ai ai, dói bastante, e, por serem pequenos e finos, dá certo trabalho removê-los.

Essa cactácea poderosa é natural do sertão! Muitos desconhecem a sua capacidade, mas o nordestino sabe muito bem sua importância. No verão é essa pequena que pode ser gigante, salvando os animais. A palma é realmente uma bicha poderosa!

O poder da chuva

Pedro Silvino da Costa Filho

Sertão, lugar de estiagens prolongadas, lugar onde, quando a seca é forte, os tanques, barragens e outros reservatórios de água secam tanto que o solo racha. Isso acontece porque grande parte do solo nordestino é formado por argila e esse material, quando molhado, fica grudento e muito liso, já quando está seco, se racha. O mesmo acontece com os corações dos donos dessas terras, quando veem seu gado e suas plantações morrendo ao solo seco.

Mas dificilmente encontra-se um ser humano que seja mais católico ou evangélico e que tenha mais fé do que o povo sertanejo. É exatamente esse sertanejo que faz orações durante o dia inteiro, e, em recompensa dessas orações, recebe um prêmio: a chuva, que não só serve para ele próprio, mas também para todos os seus bens.

Ela chega sempre na hora certa e dá uma nova chance, uma nova vida para pessoas, animais, plantas, ou seja, para todos os seres. Traz aquele merecido sossego e alívio para todos. Porém, da mesma forma que a chuva chega, ela sai... E quando vai, deixa muitas tristezas, angústias, preocupações e rachaduras, tanto no solo quanto nos corações dos grandes e pequenos proprietários de terras.

O SERTÃO HISTÓRICO

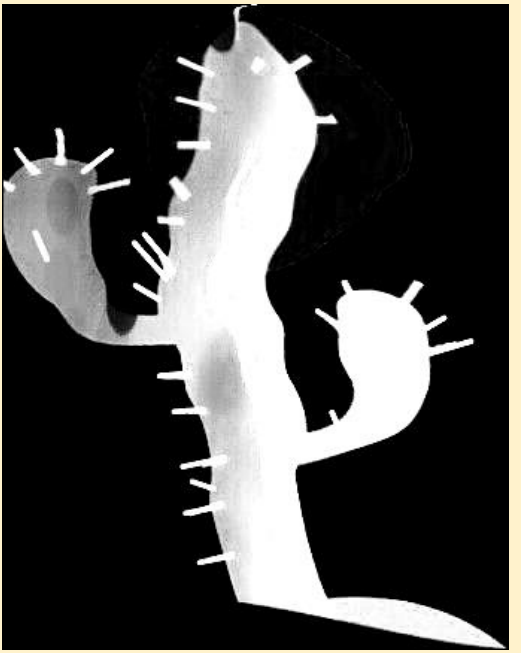


Foto celular Lucas

Foto celular Alexandre

Foto celular Aécio

Foto celular Delfábio

Canudos, retrato de um povo que chora

Aécio Silva Júnior

Conhecer o local onde outrora foi a cidade de Belo Monte, hoje conhecida por nome Canudos, não é só uma viagem no tempo, é uma oportunidade de refletirmos o quão longe pode chegar a crueldade humana. Ir lá, conhecer a triste história, ver os registros em fotos e jornais, observar as ruínas do que constituía a cidade, sentir a energia que emana da região, é, definitivamente, uma experiência surreal e triste, pelo tamanho da crueldade cometida para com os moradores da antiga Canudos.

Seu povo, que do meu ponto de vista queria apenas viver em paz e com o mínimo de dignidade, configurando uma gente com pouca ''voz'' na sociedade, viu na imagem de Antônio Conselheiro e na formação da comunidade Belo Monte a oportunidade de terem seus clamores ouvidos.

Ao conhecermos a história, percebemos que, com o passar dos dias, os moradores dessa terra tão sofrida estavam aos poucos conquistando seus desejos e tendo uma melhora de vida. Na comunidade, pelo menos nos primeiros anos de construção da cidade, reinava a paz e a esperança. Com o tempo, a comunidade cresceu. Todos os dias chegavam pessoas de todas as partes do sertão nordestino. Vinham na esperança de serem acolhidas, serem tratadas como seres, não animais, como fazia o governo e os poderosos da época.

Ao chegarem a Belo Monte essas pessoas eram acolhidas, e ganhavam a chance de crescer no povoado, que agora já tomava proporções de

cidade. Além disso, essas pessoas paravam de pagar seus impostos, o que atraiu a ira do governo. E mais, grande parte das pessoas que foram residir em Belo Monte eram ex-vaqueiros e boias-frias que trabalhavam para os grandes coronéis e estavam cansados da exploração.

Obviamente que com a saída de toda essa mão de obra do mercado, os coronéis ficaram com raiva do pobre povo de Belo Monte. A partir disso, então, deu-se início a famosa guerra de Canudos, cujo nome advém de um tipo de planta comum no local.

Bem meu caro leitor, minha intenção ao escrever esta breve história sobre Canudos é instigar sua curiosidade e fazê-lo ter a vontade de pesquisar mais sobre o assunto e poder conhecer a história do povo de Canudos, para descobrir, assim, seu valor. O valor de um povo que até hoje resiste, através de cada pessoa que conta sua história assim como eu. O valor de uma gente que lutou o máximo que pode, buscando realizar seus sonhos. Desejo que você descubra, como eu, o retrato de um povo que chora, mas que nunca desiste ou desanima.

Difícil e longa subida

Alexandre Gomes de Oliveira

No alto sertão baiano, vemos uma passagem em meio a caatinga. Nela percebemos a oportunidade de novos conhecimentos que podem nascer da decisão de explorar de onde vem, o que significa, de que é feito, para que serve ou serviu.

Ao longo da caminhada, vamos conhecendo alguns fatos históricos, vemos elementos naturais parecidos com os do sertão sergipano, como a biodiversidade da vegetação local, o solo seco e pedregoso, e o clima tropical semiárido. Constatamos que a subida para o Monte Santo é difícil e cansativa, mas nos dá oportunidades únicas de conhecer melhor o lugar.

Desbravando a longa e difícil subida ao Monte Santo, vemos que há uma grande influência religiosa, pois, no decorrer do caminho, há pequenas estações que se parecem com “pequenas catacumbas”. Em algumas delas há velas, retratos de santos, esculturas de santos, terços, entre outras coisas. Para alguns isso tudo pode não significar nada, para outros, podem simbolizar a preservação de algumas histórias.

Para mim isso tudo é uma prova da influência religiosa, que a população local transmite às pessoas de fora. Mas também é um registro do valor popular das promessas. Pessoas podem prometer várias coisas, como deixar o cabelo crescer por um ano, subir de joelhos até a catacumba onde se fez a promessa, entre outras. No caso das esculturas, fotos de santos e terços, esses elementos podem ser a prova de que o que pede não voltará atrás com sua palavra, ou seja, se prometeu, terá que cumprir.

Ao fim da subida, lá em cima, vemos no centro uma bela igreja. O que essa igreja pode significar? Não sei ao certo.

Talvez outro símbolo de promessas, ou pode estar lá por questões religiosas... Igreja muito antiga, segundo professores, foi fundada em 1948.

Depois de enfrentarmos a difícil e longa subida, percebemos que vale muito a pena ir até lá, para termos oportunidades de estudar e conhecer melhor o local. Depois, para descer, dizem, “o santo ajuda”!

Santo és tu, Monte Santo

Calyne Porto de Oliveira

Ao chegar ao município de Monte Santo, sertão baiano, deparamo-nos com a beleza e a grandeza daquela serra, que mais parece ter sido esculpida pelas mãos divinas. Agora entendo a reação que, séculos atrás, teve o Frei Apolônio de Todd. Este admirou-se com a paisagem devido à semelhança entre tal serra e o Monte Calvário de Jerusalém. Diante disso, desejando transformar aquele monte em um "sacro-monte", o frei iniciou seu projeto e contou com a ajuda, nessa missão, dos fiéis que o acompanhavam. Os fiéis fizeram cruzes e, em seguida, capelas de pequeno, médio e grande porte (esta última fica no pico do monte, a de Santa Cruz). A conclusão da construção ocorreu em 1790.

É chegada a hora. Eis o desafio: fazer um percurso de 4 km, a fim de chegar à capela maior. Ao iniciar o percurso, a exaustão antecipada, trazendo aquela vontade de desistir. Mas é como dizem "o difícil é o começo".

O cenário natural impressiona. O caminho é todo feito de pedras. Pedras de toda forma e tamanho. Dispostas de uma maneira que é preciso muito preparo físico, além da garra e força de vontade. Nessa formação rochosa, é possível, ainda, conhecermos a vegetação sertaneja. Encontramos, ao caminhar, vários dos pequeninos e perigosos cabeças de frade, os imponentes e temidos mandacarus, que convivem com delicadas flores, xique-xique, quipás, catingueiras, as quais nos afagam com sua sombra. Há animaizinhos como as catengas e as formigas pretas gigantes. O impressionante é que todas essas plantas encontram-se fincadas no solo rochoso. Elas são belas, fortes,

resistentes, de uma enorme inteligência de adaptação, assim como o povo sertanejo. Tal povo, tal plantas e vice-versa.

Ao longo do trajeto, em cada canto, um encanto, em cada capela, uma história. Nestas fica clara a existência, a mistura e a convivência das diversas crenças do povo brasileiro (sincretismo religioso). Aqui e "acolá", nas capelas, imagens de santos, de cristo, velas, etc. Imaginemos o (os) indivíduo (s) que deixou (aram) tais objetos: Estava ele pagando uma promessa? Ou fazendo uma promessa?

O fascinante Monte Santo é palco de muitas histórias, das nossas histórias. Há aquelas pessoas desacreditadas, pensando em desistir, mas que, de repente, encontram nos mais persistentes o estímulo para a continuar o trajeto. Há aquelas pessoas engraçadas, que dizem que é a primeira e a última vez que sobem o monte (cansaço). Há os encantados, fascinados, fotografando sem parar. Os ágeis, os lentos.

A verdade incontestável é que o longo, árduo e cansativo trajeto vale muito a pena. A visão do alto do monte é incrível. É possível ver o pôr do sol, toda a cidade, as demais formações rochosas. Ao entrar, na capela maior, mais provas da fé e gratidão dos fiéis, bem como do sincretismo religioso. Imagens de famílias, santos, partes do corpo humano representadas em madeiras, uma forma de provar e agradecer a "cura" em tal parte do corpo.

Pagadores de promessas, devotos, turistas, estudiosos, curiosos. Todos vêm ao Monte Santo com o desejo de conhecê-lo. Por conta de sua história e da sua atmosfera sagrada que nos envolve. Capaz de comover qualquer um apesar da jornada. Santo és tu, Monte Santo!

Enredos do sertão

Delfábio Moura Silva

O sertão nordestino é uma grande fonte de histórias, mitos e ficções de todos os tipos. Todos que visitam, habitam ou nascem nesse território têm pelo menos uma história para contar, fatos esses que, de boca em boca, mudam constantemente, pelo jeito ou modo de serem contados. Porém, fatos que são contados de geração em geração ainda que, às vezes, com entendimentos diferentes.

Histórias de fatos reais são muitas, um rio de conhecimentos. A história mais conhecida no sertão vem dos cangaceiros de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo "Lampião", bandoleiro das selvas nordestinas, com o seu bando e sua amada esposa, Maria Bonita. Ele era tipo um Robin Hood, com a fama de roubar dos ricos para dar os pobres.

Uma guerra do sertão, muito comentada, é a guerra de Canudos, que tem como imagem mais importante Antônio Conselheiro, que foi morto com todo o seu povo, pelas tropas do governo, por tentar obter terras para todo o povo sem-terra daquela região. Problemas que, sabemos, até hoje atinge nordestinos em várias partes do sertão.

Outro registro histórico vem das romarias, que acontecem anualmente. As três mais conhecidas são: a subida do Monte Santo, a subida de Bom Jesus da Lapa e a ida ao Juazeiro do Norte, uma das mais lindas, pois atrai multidões, não só do nordeste, mas de vários lugares do Brasil e do mundo, pois tem, como pessoa mais adorada, e por muitas considerado santo, Padre Cícero ou Padim Ciço.

Muitos mitos e ficções cercam, ainda, o sertão, abrindo a imaginação, de crianças, jovens e adultos. Uma das histórias fala de João Valentim, o homem que vira lobo. Outra se refere à pedra, sobre a qual dizem que quem sentar nela, se for homem vira “veado”, se mulher, “sapatão”. Essa pedra está situada no povoado de Bom Sucesso, na cidade de Poço Redondo- SE.

O enredo do nordeste é, como se vê, muito recheado. E tem um gostinho próprio que só o sertão pode oferecer!

Aula de história

Ernandes S. Oliveira

No intervalo entre duas aulas de história, quando seguia em direção a uma pequena lanchonete que ficava logo ao lado da escola, de longe avistei um rapaz. Então me aproximei. Ele estava tomando refrigerante, mas algo me chamou atenção: quando a vendedora ofereceu-lhe um canudo, o mesmo foi ignorado pelo rapaz.

Ao ver aquela cena, fui transportado para aula anterior que falava exatamente sobre a história de Canudos, coincidência aquela que me fez voltar no tempo e mergulhar nas imagens que o livro reproduziu. Através da recordação, revi as pessoas que viveram ali, vi homens e mulheres sofrendo, lutando e até morrendo para defender seu povo, que tinha como líder o missionário Antônio Conselheiro.

Pude perceber não só o sofrimento como também a esperança no olhar abatido da senhora na imagem do livro, que junto com conselheiro buscava uma vida melhor.

Ao me aprofundar mais, choquei-me com as cenas das batalhas entre militares e conselheiristas, que pouco a pouco acabavam não só com a vida daqueles pobres esperançosos, mas também com toda comunidade de Canudos.

Estava em meio de toda aquela paranoia, quando me lembrei da segunda aula. Ao abrir os olhos, não existia mais o canudo e nem Canudos, pois o rapaz já não estava mais ali e a segunda aula de História já tinha acabado.

Os carreiros

Igor Oliveira Mota da Silva

Sexta-feira de manhã era o dia no qual tudo começava, na jornada dos homens guias dos "cantadores" das estradas.

Eram pessoas corajosas, não temiam o calor escaldante do sol nordestino naquela época do ano. De onde partiam levavam mercadorias para vender em algumas cidades, coisas não muito caras, mas necessárias.

Além dos seus produtos, carregavam sempre, como princípios morais, a honestidade e a fé. Procuravam viajar todas as vezes pelo mesmo caminho, assim, tornavam-se conhecidos por onde passavam e eram acolhidos com hospitalidade.

Andavam, geralmente, por três dias consecutivos. Por isso, comiam farofa de frango, queijo, jabá assado, bolachão e rapadura nas paradas de descanso. Também gostavam de cachaça, mas evitavam a embriaguez, porque a achavam vergonhosa.

Estes indivíduos chamavam-se carreiros; locomoviam-se constantemente pelas estradas de terra do sertão com seus carros de boi cantantes.

Na década de 1920, existia um grupo de carreiros formado por moradores da localidade de Riacho Grande e outras comunidades vizinhas. Viajavam habitualmente rumo à cidade de Carira.

Naquele tempo, época de grande seca, levavam a Carira madeira ou carvão vegetal, ambos derivados de derrubadas na caatinga,

necessárias ao cultivo de roças ou de pastagens, caso chovesse no ano seguinte.

De volta, traziam milho e feijão. Outros compravam mantimentos, em geral para revender. Alguns vinham com as compras de pessoas conhecidas, o que tornava o caminho mais perigoso.

A seca e o contexto socioeconômico vigente criavam vários perigos, ameaçando não só aqueles viajantes, mas toda a população nordestina. A água estava escassa, grupos humanos vagavam famintos na região, nas feiras havia relatos de cangaceiros assaltando comboios.

Assim, muitos fazendeiros já não permitiam que eles dessem de beber aos bois nos seus tanques. Contudo, persistentes continuavam; passaram a transportar também um pequeno recipiente com água, deste modo, diziam: “Assim nois num arrisca caí do cavalo”.

Mas, além disso, aquelas narrações sobre cangaceiros (bandos de homens armados, vestidos com roupas e chapéus de couro; nômades, viviam de saques à fazendas, sequestrando fazendeiros para obter resgates e atacando tropeiros) foram se concretizando, e o grupo do Riacho Grande começou a ser surpreendido com frequência. Isto acontecia no retorno da cidade. Aqueles roubavam-lhes toda a carga, inclusive as muitas garrafas de aguardente e saiam a beber pela estrada e a atirar, assustando os moradores.

Então, estes carreiros decidiram parar de transportar por um tempo, embora sentissem uma grande vontade de continuar, pois falavam:"vamo tê fé cumpanheros, inquanto há vida há isperança". Anos mais tarde, com o fim do cangaço, retomaram as viagens, fazendo-as durante anos.

Porém, com o passar do tempo, foram surgindo meios de transporte mais eficientes, e o costume foi sendo esquecido. Restam-nos hoje apenas as histórias curiosas daqueles nobres aventureiros.

Um triste passado

Lívia Santos Lima

É carnaval caro leitor, e a Bahia está em festa! Salvador recebe incontáveis turistas nesta época do ano e os baianos vão às ruas comemorar a tradição anual. Alheios a um passado nem tão distante, os foliões cantam e se divertem ao som de muita música e marchinhas carnavalescas, enquanto as cicatrizes de uma guerra ainda incomodam o mais forte baiano.

Em 1896 o interior baiano foi marcado pelo início de uma guerra que durou quase um ano. De um lado, os habitantes do arraial de Canudos, de outro, as tropas do governo da Bahia. Esse tal governo, com o apoio de latifundiários, não aceitava que os habitantes não pagassem impostos e nem seguissem as leis estabelecidas. A imprensa e o clero também não estavam nem um pouco felizes com o crescimento de Canudos e a constante migração de pessoas para o local. Por outro lado, Antônio Conselheiro, que liderou e organizou o Arraial de Canudos, afirmava ser um enviado de Deus para liderar o movimento contra as injustiças sociais. Enfim, cada um com seus ideais e decididos a fazer o que for preciso para vencer.

O governo da Bahia, cansado de ter fracassado nas três primeiras tentativas de combater o Arraial, logo solicitou apoio das tropas federais. Aí não teve jeito! Massacraram os habitantes de Canudos de forma monstruosa. Crianças, mulheres e idosos foram mortos sem a mínima condolência.

A guerra terminou com a destruição total de Canudos, a degola de prisioneiros de guerra, e o incêndio de todas as casas do arraial. Lamentável fim!

A Bahia já viu mesmo de tudo! Mas uma coisa é certa: um baiano que se preze sabe a história de sua terra e sente o sofrimento de seu povo. Aliás, povo guerreiro esse viu? Lutou até não ter mais forças; lutou por seus anseios mais profundos; não se deixou abater pela pobreza da época. Um povo que não baixou a cabeça, apenas lutou. Lutou até não poder mais!

(Essas foram as fontes que usei para produzir a crônica histórica:
seuhistory.com/etiquetas/guerra-dos-canudos
www.suapesquisa.com/historiadobrasil/canudos_resumo.htm)

Fanáticos

Lucas Messias da Costa

Não é qualquer um que nasce com o poder de eternizar uma ideologia, muito menos de orientar multidões de fiéis que seguem sua doutrina. É preciso dispor de dádivas, fazer milagres... conseguir popularidade. A princípio atraindo apenas olhares de flagelados, que devido à tirania dos seus governantes não tinham nada a perder, e por fim despertando a ira do próprio governo, que se sente ameaçado com acrescente do movimento social.

O apogeu da trajetória acontece quando o líder religioso e seus seguidores (alcunhados de fanáticos) sofrem longas perseguições político-religiosas, que têm como consequência a inevitável queda do movimento de fé. Não um simples tombo, um baque, que em vez de derrubar, apenas suspendeu ainda mais a valência daquele homem que, sucumbindo à morte, tornou-se um mártir.

Historicamente, esse contexto se repetiu inúmeras vezes, inclusive com um dos, se não o maior, símbolo religioso de todos os tempos: Jesus Cristo. O mesmo contexto se a aplica ao peregrino Antônio Vicente Mendes Maciel, celebremente denominado Antônio Conselheiro. Conselheiro liderou o arraial de Canudos, palco de um dos mais tristes e repugnantes episódios da história brasileira: "A guerra de Canudos". Guerra não, genocídio!

Aqueles homens que desafiaram uma sociedade injusta, fundando uma utopia real, onde viviam livres e tendo tudo em comum, já estavam mortos antes de a guerra começar. Homens que eram escravos libertos, índios e sertanejos famintos armados com facas contra o exército de uma nação apoiado pela igreja católica.

Sim, a mesma igreja que idolatra Jesus Cristo agora se encontrava do lado dos fortes e ricos, pois perdia cada vez mais fiéis que se debandavam para a "comunidade de Alienados". Será que essa mesma igreja não conhecia a trajetória do seu maior ícone? Estaria ela cometendo um grande ato de hipocrisia?

A crença que uniu e edificou Canudos não foi uma alienação, apenas uma forma de sobrevivência do sertanejo pisado, dentro de suas características de conhecimento e reação política. A peculiar manifestação religiosa ocorrida em Canudos foi a única maneira encontrada pelos oprimidos para promoverem um desprendimento ideológico daqueles que os dominavam.

O fanatismo religioso se caracteriza pela intolerância em relação às demais crenças religiosas. Era exatamente essa intolerância que a igreja católica local tinha com os conselheiristas, apesar de ambos cultuarem o mesmo deus, o legado de Jesus Cristo, e o mesmo conceito de religião dualística. Dessa forma, com base em todas as circunstâncias apresentadas, podemos perceber quem realmente agiu de forma fanática.

A história por trás de um olhar

Luciene de Oliveira

No fundo de um tanque seco, duro, poroso, com rachaduras profundas, existe um olhar... Um olhar que transmite a dor, a dor que muitos sentiram e muitos sentirão, a dor deixada pela devastação. Marcas cravadas não apenas no físico, mas sim na alma. Marcas que não apagam uma história triste deixada que para sempre seja lembrada.

Um olhar que pode ser encontrado na Síria, no Iraque, no Afeganistão ou até mesmo no sertão, porque mostra a dor vivida no presente e a quase esquecida do passado. É uma triste história encontrada nas profundezas daquele olhar, marcas que não se apagam, por isso mesmo têm que ser lembradas e contadas.

Quantos Manoeis, Martins, Augustos e Antônios não se foram? Camaradas, gente boa, conselheiros que se meteram em um mesmo par de eirós. “Pelos sertões a desbravar e por sua gente a batalhar sem se importar com o lugar, Belo Monte irá fundar”.

Conselheiro tentou e por um melhor sertão batalhou. Por sua convicção lutou e em momento algum parou. Pelos direitos assegurados ao cidadão enfrentou até canhão com sua pequena “nação”, mas, não se engane, pequenos que podem ser gigantes!

No Monte Santo Conselheiro rezou, e Deus o abençoou. A quarta batalha está por vir e se a igreja resistir nada há de ruir. Com sua voz santa declarou: o senhor me avisou, ao céu entrarão os que morrerem por tiro, mas, se for por facão, nada de céu não! Vai é pra debaixo do chão!

Das trincheiras ouvia-se o som da destruição, até o momento em que Belo Monte veio ao chão. O fotógrafo registrou, com suas lentes capturou, ao chão chega o fim de mais uma revolução, a mudança no sertão... Lá se foi uma “nação”. No arraial já era fim de era, não restando pedra sobre pedra.

A guerra já não existe, mas a dor persiste. Um triste fato que para sempre ficará marcado. Um povo que batalhou, até o último momento tentou. Com sua fé e religião marcou a história da nossa nação.

História triste, mas é uma história que existe. Hoje, 120 anos após a guerra muitas coisas se modificaram, evoluíram, se expandiram, mas uma coisa nunca muda: no coração do sertão está o berço de uma nação! No passado foram os guerreiros que lutaram, hoje são os jovens que vão à luta, para escrever com as próprias mãos a história do nosso povão. Mostrar a toda população o que é o nosso sertão!

Canudos

Pedro Silvino da Costa Filho

A guerra de Canudos aconteceu em 1896 e 1897 e terminou com a destruição do povoado de Canudos, daí o nome da guerra. Houve várias batalhas entre tropas do governo federal e um grupo de sertanejos que seguia um líder religioso, Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro.

Na época, um povo muito pobre da região juntou-se a Antônio Conselheiro, que havia passado anos pelo sertão pregando uma mistura de doutrina cristã e religiosidade popular. Em 1893, os sertanejos fundaram o arraial de Canudos, um povoado muito pobre, que chegou a ter 5 mil casas e cerca de 25 mil habitantes.

Canudos era regido pelo trabalho coletivo e pelos ensinamentos religiosos de Conselheiro. O movimento criticava a República e as regras impostas por ela. As relações do povoado com o governo começaram a se complicar quando os moradores se rebelaram contra a cobrança de impostos e queimaram documentos emitidos pelo governo.

Aos olhos dos governantes, Canudos começou a ser visto não só como um arraial de fanáticos religiosos, mas também como um grupo que queria se tornar uma utopia libertária. Por isso, começaram os planos para eliminar o povoado.

Para acabar com os revoltosos, o governo lançou tal “guerra” e assim enviou quatro expedições militares para combatê-los. Nas três primeiras, o exército “tomou pau” dos sertanejos. Na quarta expedição, os militares massacraram os conselheiristas e destruíram o arraial. Muitos inocentes morreram, principalmente idosos e crianças,

que só queriam uma qualidade de vida melhor. O corpo do Conselheiro foi desenterrado e sua cabeça foi levada como um troféu pelo exército para Salvador, como símbolo do fim de Canudos.

O SERTÃO HUMANO

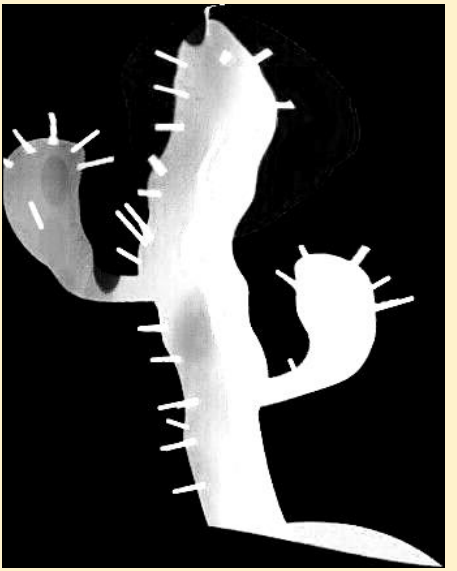


Foto celular Alexandre

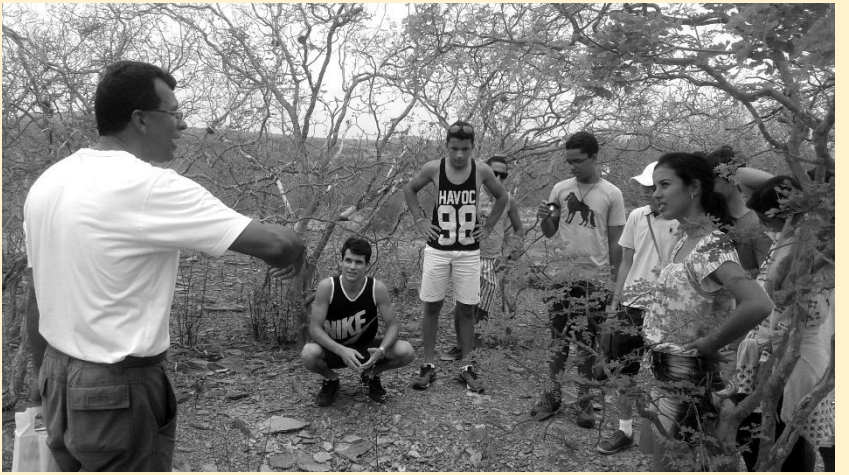


Foto celular Ernandes

Foto celular Pedro

Foto celular Gabriela

Mulher sergipana

Aécio Silva Júnior

Mulher Sergipana,
Conheço os traços de teu rosto,
Do qual assim como as flores do mandacaru
Brotam tuas rugas do sol ardente,
És sertaneja inocente
És "cabra macho" sim senhor,
És desta terra o broto

Mulher-mãe pobre, pobre mulher,
Levas em tuas bagagens um cotidiano de suor e cansaço,
O qual, cada dia, mais forte a torna
És mulher Sertaneja, do lar e da roça,
Mulher de coragem e de fibras de aço
És Maria, és Cristina, és Mazé
És rainha de Aracajá até chegar a Canindé

Mulher sem-terra que desta terra traz o cheiro
Mulher sem voz, sem vez, sem direito
Ó mulher sergipana, és como o Velho Chico
Que passa por sobre esse chão
Embelezando e dando vida
A essa terra tão sofrida
Cheia de males e defeitos

E como definir-te e fazer-te seus desejos,
Isso já não sei, e sabe o que farei?
Apenas direi que és forte, és guerreira
És a flor da catingueira,

Simplesmente és tu
És mulher Brasileira.

Assim são as mulheres do sertão sergipano. Destemidas guerreiras de coragem e respeito. Digo isso, pois há muitos anos (16) convivo com elas e vejo sua labuta diária para ganhar o "pão" de cada dia. Se há poucas décadas as sergipanas, assim como tantas outras nordestinas, tinham de passar a vida toda enfrentando a luta do cotidiano, cuidando de filhos, casa, comida e pequenas criações, hoje elas se modernizaram, tornaram-se mais independentes e já não aceitam o destino que outrora lhes era posto pela sociedade.

E se naquele tempo já eram mulheres guerreiras e lutavam por mais independência (seja ela financeira, do modo como se vestir ou das escolhas tomadas), hoje isso só aumentou. Elas agora (em sua grande parte) estudam, trabalham, têm a opção de ter ou não filhos e por aí vai. Infelizmente ainda existem as que sofrem com o preconceito da sociedade machista que paira sobre esse sertão, mas isso não as impede de seguirem em frente, continuarem lutando por seus direitos e estarem sempre com o sorriso no rosto e a esperança no olhar.

Desde cedo, fui ensinado a saber valorizar esses seres de luz. Um deles me pôs no mundo, sim, sou filho com muito orgulho de uma dessas sergipanas arretadas, que, além de boas mulheres, são mães ferozes e extremamente cuidadoras, minha mãe Cicera Eliane. Ela que luta, sofre (ela é professora) e chora, mas sempre está disposta a mostrar um sorriso e dar uma palavra de apoio ou conselho, e é para ela que dedico esta crônica, minha bela sergipana de Poço Redondo, minha sertaneja favorita, minha mãe, minha vida, meu ar, meu eu antes de mim, essa é para a senhora,

Mãe!

Vovô, sertanejo testado

Alexandre Gomes de Oliveira

Vovô, cidadão comum no sertão sergipano, fez bons atos a quem necessitou, ajudou quem precisava de ajuda, mas também foi bastante desprezado pelas pessoas que mais ajudou.

Pela manhã logo cedo, vovô saía para trabalhar, pois ele era o provedor da família que possuía. Seu trabalho era pesado e sem descanso, sua única parada era sair para comer, mas assim que o almoço terminava, voltava às pressas para o trabalho.

Muitas vezes saía para trabalhar muito longe, e por isso acordava muito cedo. Seus filhos, ao acordarem, não viam seu querido pai. Na maioria das vezes, seu trabalho era no machado, “instrumento usado para cortar madeira”.

Lá, trabalhava sozinho em meio à caatinga, cortando lenha. O pior é que era muito trabalho e pouco salário. Chegava em casa cansado, com pernas, braços e coluna doendo, isso tudo para, no final da semana, ganhar apenas 250 reais, e olhe lá que havia vezes de serem apenas 200 reais!

Por muitos, vovô era denominado “sertanejo testado”, pela sua coragem e determinação, porque saía de onde morava, rumo ao desconhecido à procura de um emprego, seja ele qual fosse, se ganhava muito ou pouco, se era longe ou perto.

Fazia muitas coisas, e até hoje continua fazendo, mas só que seus filhos estão todos casados e não moram mais com ele. O que ele fazia para manter a família, muitos pais hoje não fazem. Hoje, existem idosos de 60, 70 e 80 anos fazendo coisas que jovens de 20, 25 e 30 anos não

fazem, porque não possuem a determinação daqueles. Não são “sertanejos testados”!

Meu jovem avô

Calyne Porto de Oliveira

Aqui no Povoado Lagoa de Dentro em Monte Alegre de Sergipe, reside um senhor chamado Rubens de Oliveira, 77 anos, e o chamo de vovô. Ele é um exemplo de disposição e vitalidade.

Pai de três mulheres e dois homens (um deles faleceu ainda criança). Tem sete netas e quatro netos, além de dois bisnetos. Esse ancião viveu toda sua vida no campo, homem trabalhador, que, ao lado de sua esposa Vandete, dedicava-se à agricultura (plantar milho, feijão, cuidar do gado, tarefas ainda presentes em sua rotina). Tudo com o intuito de dar uma vida confortável aos filhos.

Ainda hoje, vovô continua cuidando do gado. Trabalhou a vida toda. Poderia muito bem-estar repousando, mas isso não combina com ele. A família já tentou convencê-lo a vender um pouco do gado, trabalhar menos, afinal ele já não precisa mais disso como antes. Mas ele permanece nessa jornada por gostar da vida ativa.

Gosta de zelar o seu gado. Faz isso contente e com amor. Esse pensamento deveria ser seguido por nós jovens. O trabalho que desempenhamos e a escola que frequentamos devem ser encarados não como um martírio e sim como algo prazeroso.

Vovô é muito ativo! Ele não é de ficar em casa dormindo ou assistindo a TV. Gosta de caminhar: às vezes o vejo passando em direção à casa de tia Nolita. Nossa, como ele é ágil! Que coragem, pois as casas são distantes. E eu aqui com preguiça de pegar o controle remoto que está no sofá ao lado.

O coroa também é original: sempre com seu chapéu de couro, camisa de manga comprida, bermuda, botas e seu enorme facão que leva preso à bermuda. Acorda e dorme cedo. Alimenta-se bem! Não abre mão do seu cuscuz, menos ainda do feijão com arroz. Gosta de frutas. Fastfood não é com ele.

Acho muito bonito quando, após cada refeição, ele ora e agradece pela comida. Com toda razão, temos que agradecer por ter o que comer e não desperdiçar, pois há tanta gente passando fome no mundo... Poucas vezes o vi adoecer, provavelmente isso se deve à vida ativa que leva e à alimentação saudável. Ele tem um grande coração!

Noto que quando a família está reunida, fica bastante feliz. É um grande homem, pai e avô. É a prova de que idade não quer dizer nada: existem "velhos" de 30 anos e existem "jovens" de 60, 70...

Chicão, o rei do sertão

Delfábio Moura Silva

Vindo de lá das terras mineiras, para se tornar o rei do sertão, percorrendo muitos municípios e estados, decide ser mais importante para uma só região, chegou bem de mansinho faz um tempão, e hoje é glorioso e chamado de “São”, lindo, reluzente e de grande extensão, esse é o Velho Chico, saudado por todos do sertão.

Oh grandioso Chico, o que seria o sertão nordestino na seca, sem você para ajudar um povo que as vezes passa fome, mas nunca passa sede, pois tem a sua riqueza (água), para sobreviver? Pode até se dizer que você é a vida do sertão!

Já pensou se o rio São Francisco não existisse, o que seria das pessoas que habitam o nordeste? Melhor nem pensar nisso. O São Francisco traz a cada dia de todos os nordestinos e a quem vem visitá-lo, a alegria de ver o amanhecer de pé. Tem muitas histórias privilegiadas e é uma fonte de sabedoria e, também, literalmente uma fonte de vida.

Não deixe o Chico morrer, não deixe o Chico acabar, o Chico é uma mina de ouro, a vida que deságua no mar.

Mulher nordestina

Ernandes Santos Oliveira

Para muitos o papel da mulher nordestina na sociedade se resume em ficar dentro da casa, sempre ocupada com os serviços domésticos, ou seja, cozinhando, lavando, passando e costurando, cuidando dos filhos, sendo subordinada sempre ao pai ou ao marido, tendo um papel de inferioridade em relação ao homem.

Mas a realidade é totalmente diferente, pois a mulher nordestina é livre, gosta de andar a cavalo e correr vaquejada. Gosta das botas macias, das esporas, das perneiras, do chicote e da laçada.

São também guerreiras, cuidam do gado e trabalham como os homens, e não têm medo dos espinhos na hora de tirar a palma. Levam nas mãos as marcas da vida sofrida na roça, mas nunca reclamam, pois tiram da dificuldade a motivação e esperança de dias melhores.

Têm o sotaque nordestino na ponta da língua e o orgulho de serem do sertão. Nas festas são sempre as mais bonitas, só gostam de homem que tenha a ‘’pegada do vaqueiro’’. São duronas no amor, mas, no fundo no fundo, têm o coração mole e quando se apaixonam são é fiéis a sua paixão. Mas também são ciumentas, pegam no pé, cuidam do que é seu!

O certo é que elas são verdadeiros espetáculos de mulheres e merecem o digno valor de todos. Mulher nordestina não representa o sexo frágil. Frágil mesmo é nossa capacidade de reconhecer seu valor!

Há terra ou há fome

Igor Oliveira Mota da Silva

Por onde ele passou, reuniu legiões inspiradas por suas palavras promissoras, expressivas de um lugar onde haveria igualdade, solidariedade e liberdade. Buscou os humildes, procurou os mansos, porque tais podem ter a terra. Acolheu os famintos, os injustiçados.

Aqueles esquecidos, cujos desejos não eram atendidos, enfim foram ouvidos. Encontrando uma terra vazia, onde nada se produzia, ali construiu a comunidade, muito rústica, composta de barracos.

Há muito tempo, já houve aqui no Nordeste povoação parecida. Foi fundada, também, por quem queria cidadania e era tão castigado aqui neste recanto. Como os hebreus, peregrinaram durante anos, até construir a própria cidade, também sagrada para alguns, às margens do rio Vaza Barris.

Semelhantemente a esse povo bíblico, fugiam da subordinação aos interesses dos ricos proprietários. Indo além, como na travessia do mar Vermelho, guiados pelo mestre Conselheiro, foram perseguidos. Mas seus inimigos afogaram-se no Vale da Morte. Contudo, analogamente a Jerusalém, aquela cidade foi destruída seguidamente por conquistas do progresso histórico que buscava melhoras, mas àqueles não oferecia oportunidade de mudar a sorte.

Várias décadas depois, e situação no Nordeste pouco havia mudado. O governo, enfim, tentando ajudar, porque famílias passavam fome e pior "não podia ficar", decidiu medidas suplementares. Tais planos, posso garantir, pareciam muito com o daqueles andarilhos de outrora: cavar açudes manualmente e fazer estradas; em troca ganhava-se algum dinheiro e boia no final do mês.

Próximo do século XXI, surge outra solução com maior poder de resolução. Ironicamente, congruente à ideia inspirada por Canudos. Consistia em montar acampamento vizinho a grandes propriedades não cultivadas e esperar o resultado da negociação do governo com o fazendeiro. Enquanto isto, caso houvesse riacho na fazenda, era permitido pescar.

A direção estabelecia certas regras e dividia a comunidade em grupos. Cada um destes deveria ter um coordenador (fiscalizava a conduta dos integrantes) e permanecer no acampamento certo período da semana. Deviam-se observar as normas, sob pena de perda dos direitos comunitários, e participar das reuniões.

Dois destes preceitos eram os seguintes:

• Não era permitido trabalhar para o dono da fazenda, pois isso era contrário aos objetivos da comunidade;

• Era preciso respeitar a frequência, porque, assim, demonstrava-se a real necessidade de ter um terreno.

Dependendo da condição, fazia-se necessária a vigilância noturna; tal atividade cabia aos homens.

Geralmente, os homens se reuniam ao cair da tarde para conversar, contar histórias, anedotas... Durante o dia, o rádio à pilha passava ligado; ouviam-se músicas de todos os tipos; e essa trilha eclética embalava o mover do sol.

Foi desta forma que o movimento dos sem-terra (MST) deu a muita gente a posse da terra e o poder de ser feliz. Contudo, devemos essa relativa autonomia ao exemplo daqueles heróis, que tingiram o chão nordestino com o próprio sangue, enfrentando exércitos, lutando contra a indiferença. Jamais seja esquecido, pela honra e coragem de seus atos, o povo de Canudos.

Um dia cheio

Lívia Santos Lima

O sol ainda nem despontou no horizonte, mas o herói do sertão já está mais que pronto para enfrentar sua labuta diária. E não pense que o ele reclama ou resmunga por ter que acordar tão cedo e seguir com seu árduo trabalho.

Ele sai de casa cantarolando, com a mais pura áurea de inocência. A enxada, a foice, ou o que mais ele carregue nas costas, não lhe causa nenhum tipo de incômodo ou repulsa, apenas o deixa mais forte para superar os obstáculos da vida.

Com seus próprios métodos - diria até um pouco rústicos - ele sabe a hora certa de plantar e colher. Seja decifrando o comportamento de um inseto ou as fases da lua, ele logo deduz qual o momento mais propício para a plantação. Um (cientista) nato!

O dia passa devagar e o sol escaldante consome toda a sua energia, no entanto, ele continua trabalhando, seja na própria roça ou servindo a grandes fazendeiros. Não importa onde nem quando, ele conhece bem suas responsabilidades e as cumpre, afinal, um homem sertanejo que se preze é assim!

A noite chega lenta e silenciosa, e com esse sinal o nosso herói já está em sua casa - talvez dormindo - se preparando para o dia seguinte, que chegará em breve e exigirá toda sua energia e suor.

Sertanejo é figura forte e sensível. Que sofre, mas supera. Que chora, mas sorri. Um eterno herói sem capa!

Entre camelôs e galinhotas

Lucas Messias da Costa

Finalmente é sábado. Final de semana trazendo folga bate na porta de casa, mas não na casa do comerciante de feira. Pois é nesse período que ele precisa trabalhar!

Nas ruas, antes sempre tranquilas, há agora vozes estridentes e ruídos dos carrinhos frete sem lubrificante com vários timbres de intensidades e frequências diferentes. Agudos, graves, médios... Implicam não apenas diversidade cultural e regional como também revelam que todos ali presentes tiveram um prelúdio distinto, uma história moldada pelo tempo.

Viagens cansativas, caminhos longos... O balaio pesado, isento no final da feira, sempre se encontra cheio. Carregando alimentos frescos até regiões áridas, torna-se essencial para vida de muita gente, mas mesmo assim não tem o merecido reconhecimento.

Plantando, colhendo e viajando pelo sertão com a missão de levar provisões semanais às residências, eles encontram muitos concorrentes, e aí que começa gritaria. Vence aquele que conseguir conquistar o cliente fazendo uso de adjetivos tanto para promover o produto quanto para elogiar o freguês.

A efervescência na feira é muito significativa no que tange a fregueses e ofertas diversas. Os supermercados não têm a mesma graça de uma, exatamente porque neles não existe essa trilha sonora marcantemente expressiva.

Entre camelôes e galinhotas, a feira vive!

Os verdadeiros heróis

Luciene de Oliveira

Todos os dias é sempre a mesma coisa: levantar bem cedinho e ir à luta interminável. Aqui não existe feriado, dia santo, fim de semana para relaxar, todo o dia é dia de trabalhar; sair de férias, nem pensar! Essa palavra nem existe. A vida de sertanejo não é nada fácil. Ele passa a vida inteira realizando seu trabalho árduo e sequer é visto como um ser igual aos outros, pelo fato de seu trabalho não ser glamoroso, chique, reconhecido pela sociedade... Uma injustiça e tanto.

O pior não é isso! O mais espantoso é ouvir as pessoas chamando alguns indivíduos de HERÓIS, por terem simplesmente feito qualquer besteira e apareceram na mídia. HERÓIS, caros leitores, são os indivíduos que se acordam às três horas da madrugada todos os dias! A lua ainda predomina no céu, e eles já estão começando os seus trabalhos. E não é qualquer trabalho não! Metem-se no meio da capoeira, atrás de um pingo de gado para tirar uns míseros litros de leite, que mais tarde matarão a fome da sua família e serão vendidos ao homem do leite, que nunca se atrasa. Pontualmente às 07h00min lá vem o carro do leite.

Das três às sete, o sertanejo se divide: como já dito ele vai buscar o gado que, a depender do lugar, pode estar em algum pasto alugado bem longe da casa dele. Ao trazer os animais para o curral da casa, ele prende os bezerros num cercado, pega a leiteira, apeia as vacas e vai enchendo o tambor do leite (modo de falar, é tão pouco que não chega nem à metade da capacidade). Quando termina de tirar o leite, finalmente vem o merecido café da manhã, como dizemos: a hora “di cumé”.

Acabando rapidamente o seu café, o nosso guerreiro agora vai para mais uma etapa do seu dia: dar ração para as vacas, o que não é nada fácil. No meio do sol quente, um “calô da pexti” e ainda ter que aguentar as vacas brigando para comerem umas mais que as outras, já que a ração é muito pouca (devido ao seu alto custo, tem que ser pouca, só pra dar uma enganada na fome delas). Haja paciência e muita viu! Mas, fazê o quê? Não tem outro jeito, tem que suportar.

Passado o momento de estresse da ração, é hora de levar as vacas para um outro pasto que tenha um tanque para elas matarem a cede. O sertanejo deixa as vacas no pasto e vai buscar mais comida para seus animais.

O cenário agora é outro: com o carro ou carroça de bois, ele percorre longas distâncias, em terrenos íngremes e pedregosos até chegar a um resto de caatinga que ainda tem palma; trazendo consigo apenas o necessário: uma garrafa d´água, umas duas ou três bananas, umas laranjas, uma trouxinha com uma panela que leva seu almoço, o facão, a foice e a chibanca. Suas vestes são as piores possíveis em termos de moda. Mas, em termos sertanejos, é a que melhor o protege do sol e o ajuda a aguentar firme.

Todos esses acontecimentos são em sequência, ele não para. Às treze horas ainda não almoçou. Ainda não encheu a carroça de palma, mas a fome aperta e ele resolve procurar uma sombra de catingueira para comer. As laranjas que ele trazia mais cedo agora servem de sobremesa. Ao saciar a sua fome, espera “o di cumé assentá no bucho” e em seguida volta ao trabalho.

Completando a carrada de palma finalmente é hora de voltar, exausto, ensopado de um suor que chega a pingar na terra seca. O sol não dá descanso, então ele resolve subir na carrada de palma e pegar uma caroninha, se bem que, com tanto espinho de palma, não sei se vale

apena deitar ali... Mas, cansado do jeito que está, não vai nem sentir as alfinetadas.

Às quinze horas, ele finalmente chega em casa, vai tomar uma água mais fria e volta. Agora vai jogar a palma no pasto e pinicar para as vacas. Nisso a noite já vai caindo, e o bravo guerreiro não para. Alimentadas as vacas, é hora de tirar novamente o leite da tarde (que na verdade é da noite). Acabando, é hora de separar os bezerros das vacas, colocando-os no cercado, enquanto as mães vão para o tanque tomar água e são levadas para um pasto em outro terreno onde ainda haja um matinho.

Do nada chega um vizinho pedindo ajuda... Sua vaca estava muito fraca e caiu do barranco. Ao chegar no terreno do vizinho encontra todos os amigos que estão lá pelo mesmo motivo: ajudar o amigo a salvar sua vaquinha. Não é nada fácil levantá-la: amarra de um lado, do outro, pega um pau forte e começam a tentar levantá-la. Muito fraca a vaca tenta se erguer com a ajuda de todos, mas é em vão. Após muitas tentativas, todos estão exaustos, no entanto, não desistem, e continuam tentando, afinal, como dizem, “é a vida dum bichim bruto”. Finalmente, conseguem levantá-la, só que ela está tão acabada que não irá durar muito tempo viva. Mesmo assim ninguém desiste. Apesar de saber que logo ela morrerá, até o último momento tentarão.

Por volta das sete horas da noite é quando e eles chegam em casa e vão tomar um banho, para depois comer o seu cuscuz com leite de todos os dias e finalmente ter o seu merecido descanso que dura poucas horas. Até que chega a madrugada e se inicia a sua repetitiva e exaustiva rotina, a qual sabe que só vai parar no dia da chegada da maldita, miserável, infeliz... No dia de sua morte.

Não é a melhor perspectiva de vida eu sei, mas não posso mentir e colocar o nosso guerreiro do sertão numa colônia de férias, quem dera! Essa é apenas mais uma história de vida de um sertanejo, é a

realidade. Nem tudo acaba em “felizes para sempre”. Se bem que o sertanejo, apesar de não ser reconhecido é um ser ilustre, exuberante, que emana força, destreza, heroísmo. Mesmo enfrentando barreiras gigantescas, nunca perde o seu sorriso e sua imensa fé. É o nosso HERÓI da vida real, pois salva até o que já está entregue.

O homem de muita sorte e pouca sabedoria

Pedro Silvino da Costa Filho

Pense num “cabra” danado, um homem de muita sorte, só que não sabe aproveitar. Um rapaz de muita inteligência, mas que não sabe usá-la. Trabalhou muito em firmas ganhando um bom dinheiro, mas nada juntou, gastou quase tudo por lá mesmo e por onde andou. Quando chegou em casa, vindo das firmas com uma pequena parte do dinheiro, comprou uma moto e só queria farrear! Bebia tudo que podia, pegava sua moto e saía... Mas álcool e direção não combinam e, em uma noite, sofre um grave acidente: bate em um trator a 120 km/h. A vida dele ficou por um fio, passou 48 dias no hospital. Quando melhorou, começou a frequentar a igreja, ajudava muito a família, transformou-se numa pessoa muito boa.

Depois de algum tempo, levado por más influências, voltou a beber e a fazer suas antigas loucuras. Acidentou-se novamente, mas dessa vez, quando melhorou, não pensou duas vezes para beber de novo e até hoje bebe.

Um rapaz muito inteligente sabe trabalhar com qualquer coisa, mas está dominado pelo álcool. Os conselhos que toda a família dá a ele são muitos, mas nada adianta, o homem não houve ninguém só quer a danada da cachaça.

Homem de muita sorte e pouca sabedoria.

O SERTÃO HUMORÍSTICO

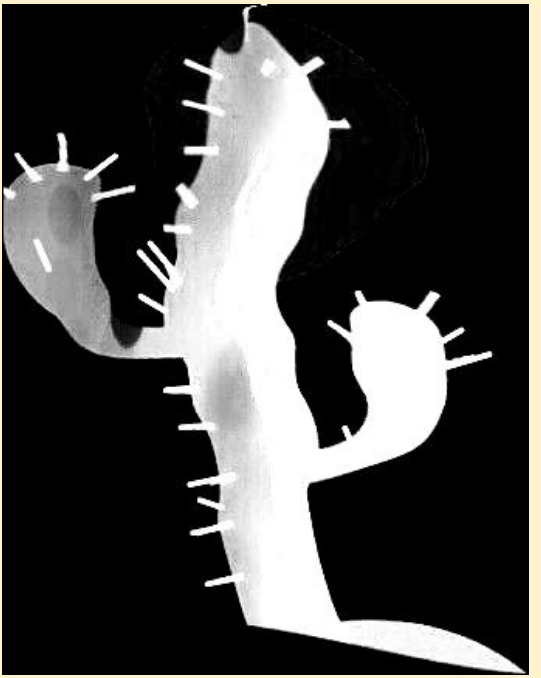


Foto celular Christina

Foto celular Ernandes

Foto celular Christina

Foto celular Christina

Papo de Cabra

Aécio Silva Júnior

São 4h30min da manhã, no Povoado Rabo da Gata Morta, interior do Alto sertão sergipano. Pequenos criadores de animais soltam suas cabras na Caatinga. A cancela se abre, e as bichas correm feito doidas como se estivessem viçando, em direção aos lajedos de pedras onde irão pastar e colocar o papo em dia. Neste ambiente, duas cabras estão conversando.

Uma chegou hoje do Rio de Janeiro e chama-se **Táthy**. A outra nasceu aqui, é uma legítima **RABOGATAMORTENSE** e chama-se **Tôinha**. Ambas se conheceram hoje e estão conversando:

— Bom **dhia**! – disse Táthy, com um intenso chiado na voz.

— Bom dia pra **vôs m'cê** também - As duas se olham do rabo ao focinho... — O que está achando da nossa região?

— Cara, **thipo** assim, é legal **maish**, **thipo** velho, eu queria saber **maish** sobre esse lugar, só que com um olhar de uma **mana** que more aqui, **thipo** você, tá ligada'?

— Bom, aos meus **zoios,** essa região é um lindo lugar, onde **malmente** o sol nasce e o que era **breu** ganha luz e é revelada a beleza que a noite escondia. Todos os dias, eu, assim como tantas outras cabras, saímos dos currais e vamos desbravar os mistérios da caatinga, vemos as flores de mandacaru florarem na seca, dando o sinal de que a chuva chegou no sertão, vemos o umbuzeiro tão carregado de frutos que **estatela** pelo chão seus galhos com o peso do umbu que dará a umbuzada na Semana Santa, vemos a beleza da catingueira se despindo na seca e ressurgindo quase que das cinzas como a fênix, trazendo mais vida **pro** nosso torrão natal. Vemos também o juazeiro

resistir à falta d'água e se manter cheio de flores verdinhas o ano todo dando sombra a quem dela precisar. Também damos fé dos vários personagens que aqui habitam. Encontramos desde os pequenos criados aos grandes latifundiários. Enfim, vejo o lugar onde vivo desta forma, um lugar onde minha alma encontra paz e fortaleza para viver e aprender com o exemplo desta terra, onde as plantas quando bate a chuva ressurgem quase que do pó, pois tiveram a sabedoria de armazenar água em suas raízes fortificando-se cada vez mais, em vez de cortá-las e procurar melhorias num lugar fora daqui, como fazem muitos de seus filhos que ignoram seu exemplo.

— Caramba meu, sério meu, **tô** arrepiada **demaish** velho com essa sua definição – Diz Táthy, enquanto masca um chiclete sabor cactos da marca xiquexique – Cara **thipo** assim, **vô the** falar uma parada, aqui entre **noish**, nunca imaginei que esse lugar fosse tão **da hora** velho, **bixo**, eu sempre tive uma imagem desse lugar como ..., **thipo** assim, muita tristeza, só **genthe** passando **necessidadhe**, aí mana, na boa, eu achei que chegando aqui ia encontrar várias de nós (cabras),anêmicas **magras caindo**, **thipo** assim meu, calamidade total tá ligada! Maish aí, eu chego aqui e vejo que é tudo diferente pô, ash pessoax todash bem veshtidas, alegres, de bem com a vida, botando cara no sol meu, e vejo vocês minhas **parsa todash** bem nutridas, felizes e saltitantes, cara, da até uma invejinha velho.

— Pra **vôs m'cê** vê **cuma** são as coisas, várias pessoas que moram aqui sonham em ir para a cidade grande lá pras bandas do sul e redondezas, porque acham que lá é melhor pra se viver. E as pessoas de lá quando nos visitam sempre ficam encantadas com nossas belezas naturais e nosso modo de vida... – Disse Tôinha e adentrou num varedo na caatinga, despedindo-se da nova amiga que agora desbravaria, por si só, o sertão sergipano.

Como se pôde ver neste diálogo, o olhar de quem chega de fora sobre o sertão é totalmente diferente do de quem mora nesta terra. Por isso, usei essa forma engraçada e inusitada que foi o fictício diálogo entre duas cabras para não só mostrar a diversidade linguística das regiões

como também a visão de quem mora aqui e a de quem chega ao sertão, usando, em vez de pessoas, cabras.

Sexta-feira 13

Alexandre Gomes de Oliveira

Na sexta-feira 13, estava eu com meus amigos e parentes. Na manhã desse dia, fizemos uma pequena farra, chamamos alguns vizinhos, conhecidos e parentes distantes.

Durante o dia foi aquela festa: todos comendo, bebendo, dançando e gritando, entre outras coisas. No final do dia, o sol quase se pondo, muitos já tinham ido embora. Apenas ficara a família. Começamos a arrumar a grande bagunça causada pelas pessoas.

Ao acabar de limpar a bagunça, já cansado, pedi que meus primos pegassem uma almofada. Embora estivesse um pouco desconfiado deles por serem atentados, mesmo assim pedi. Eles com a cara de "puta ruim" foram pegar a tal almofada. Assim que chegaram com ela tudo parecia estar normal.

Pois é, foi aí que me enganei! Os infelizes sabiam que eu tinha alergia a pelo de gato e a encheram de pelo! Aí que foi coisa! Comecei a coçar o nariz, os olhos, e a pele, também a espirrar como louco. Daí gritei "Seus urubus, vocês estão viçando! Seus pestes, parece que não têm juízo!"

Quando chegou a noite, inventou-se de ir fachear "Matar rolinha, pássaro típico da região". Logo soube que eles também iriam. Fiquei quieto. Mas não houve jeito! Tive que ir! Ao chegar lá no mato, lembrei que havia trazido apenas uma lanterna. Quando olho, meus primos já a tinham pegado.

Pois bem, fomos assim mesmo... Nós nos separamos e desta vez fiquei longe deles e me alegrei por isso. Mas, ao mesmo tempo, achei ruim porque iríamos ficar no escuro por conta de que pegaram a luz. E saímos... Para nossa sorte, naquele dia havia muitas rolinhas! Quase na hora de irmos embora, escutei ruídos estranhos.

Olhei para os lados e não avistei nada. Poucos segundos depois, sinto algo tocar em minhas pernas, pulo e olho para o chão e nada! Logo depois escuto como se fossem uivos, e saio correndo. No caminho fui deixando tudo, desde a peteca (“instrumento usado para matar as rolinhas”) até o chinelo.

Na corrida para casa, chegando próximo tropecei e cai. Chega rolei no chão. Chego em casa sangrando da queda que levei, grito por mãe, mas vem pai. Eu estava aflito e com muito medo. Logo avisto todos. Meus primos, com a mesma cara de “puta ruim”, me chamam de medroso e afirmam que foram eles que fizeram tudo comigo!

Chumbo trocado

Calyne Porto de Oliveira

Segundo o relato de meu pai, há cerca de 30 a 40 anos, no sertão sergipano, as festas ocorriam de ano em ano ou de seis em seis meses. E na região onde vive toda sua vida, acontecia anualmente uma festança tradicional no mês de junho, eu ainda se mantêm nos dias atuais. Nela há o acompanhamento com madalenas, anjos, pessoas soltando fogos de artifício e a multidão de pessoas acompanhando.

Naquela época, as condições financeiras da maioria das pessoas eram muito ruins. Estas compravam uma roupa, um calçado e um chapéu para irem à festa falada. Ao voltarem para casa, trocavam aquela roupa e a guardavam, a fim de vesti-la no ano seguinte. As vestimentas passavam de irmão para irmão.

Conta-se que, certo dia, dois irmãos acertaram de ir esta festa. Eles chamavam-se Manoel "Mané" e José "Zé". Zé juntou um dinheirinho e comprou um chinelo e um chapéu. Mané era pouco gastador, não comprou chinelo nem chapéu.

— Mané, cê já compro sua ropa? Pergunta Zé.

— Oxe, dos tempo, Zé! Responde Mané, que mentia, com vergonha de falar a verdade.

— Apois nois tamo acertado, vamo pra festa os dois. Diche que vai ter tanta muié boniti, a sorte que nois é trabaiador e juntamo dinheiro pra mode ir pra festa, num é Mané? Diz Zé

- Apois é, Zé. A sorte, num é... Fala Mané desconfiado.

No dia da festa, Mané logo cedo foi ao tanque tomar banho e nem chamou seu irmão Zé. Ao chegar em casa, apressado Mané foi vestindo a roupa, colocando o chinelo e o chapéu do irmão. Enquanto isso o pobre do Zé banhava-se no tanque. Mané, então, parte para festa.

— Mané, meu fio, pronde que cê vai apressadin e bonitin assim? Venha dar um xero em mainha, venha. Ordena Dona Glória, mãe de Zé e Mané.

— Pra festa mainha, pra festa. Ligero, dê um xero ligero, vá! Exclama Mané.

— Espia, apois num boto do perfume "toque de amor" e creme inté nas venta! Tá ficano um homem, quer andar bonitin, mode as moça. Afirma emocionada.

— Tá bão mainha, inté! Sai na carreira Mané.

Pouco depois, Zé chega em casa. Ao saber que o irmão foi à festa com suas vestimentas, fica virado no cão. Mesmo descalço e sem chapéu, decide ir à festa, à procura do irmão. Ao encontrá-lo, o deixou descalço e sem chapéu no meio da multidão, Zé ainda falou poucas e boas a Mané:

— Cê num se avergonha não, cabra?! Povo, apois escute eu. Esse cabra acordô antes das galinha pra puder tomar banho no tanque antes deu, pegar minha ropa e se divirtir aqui

Mané não abriu a boca para falar nada. Ele saiu do forró triste e envergonhado, pois a multidão o olhava, uns rindo, outros com um olhar de desaprovação. Além disso, Zé estava magoado e enraivado com a sua pessoa.

A partir de então, Mané aprendeu que é necessário batalhar para ter aquilo que deseja, e não tomar as coisas que pertencem aos outros.

Através de histórias engraçadas como estas, os (as) sertanejos (as) transmitem ensinamentos deste tipo aos (as) filhos (as). Já que, afinal, é possível aprender lições valiosas por meio de boas risadas.

Resenhas do sertão

Delfábio Moura Silva

As falas nordestinas são muito engraçadas para aqueles que as ouvem pela primeira vez. Essas falas variam de lugar em lugar, e em cada canto fica mais resenha, até podemos dizer que o sertão brinca com a fala e a linguagem.

No sertão, para as pessoas, não há regras e nem discussões. Falam do jeito que querem mesmo, e tem outra, se alguém achar errado, e quiser corrigir é capaz de dar briga! E o pior é que elas não estão erradas, no ambiente que vivem, se lá a fala que predomina é assim, podem falar do jeito que querem mesmo, pois, como a maioria das pessoas não tem estudo ou para de estudar não há a obrigação de ter uma linguagem rígida.

Às vezes as pessoas exageram tanto nas palavras, que até viram piada! Inventam palavras que nunca vimos na vida! Se alguém for ter uma conversa com um nordestino legítimo, pode ter certeza de que, mesmo se ele não contar uma piada, o que seria bastante comum, vai rir à beça, só de escutar o nordestino falando. Às vezes até só de olhar para a sua face, muitos já caem na gargalhada.

Uma conversa muito comum entre dois nordestinos, e uma das mais engraçadas, é mais ou menos assim:

— Cumpadre, de que voiz-me-cê, foi assistir o filme?

— Eu fui com minha bricicreta.

— Quem era que tava lá cum tu?

— Tava eu, minha muié e minhas fia.

— Que filme tava passando?

— Era um lá, de um gulira, que um aupista era querendo durrubar. E ainda são ignorantes:

— Tava bom, o filme?

— Cumpadre, tu virou padre agora foi? Pergunta que só a pexte; -Eita mulesta, tá bom, xô ir olhar a caçalora, que dexei no fogo que é mió.

E também são falsos:

— Vai, vai timbora carniça, boca de foce, o bico nem escova o dente pra vim falar com a pessoa.

— Ali é mentiroso viu nem bricicreta ele tem, e ainda parece que não toma banho ô fedô de subaco da pexte.

Sertão nordestino, de onde saem vários palhaços, repentistas, comediantes e etc... Quem vive neste pedacinho de chão é assim: alegre 24 horas, não é à toa que é a alegria do nosso Brasil!

Nunca brinque com sua mãe

Ernandes Santos Oliveira

Desde meus 14 anos, sou independente. Trabalhava, comprava minhas coisas. Minha mãe não me dava nada. Mas também não reclamava, era um anjo comigo.

Todas as manhãs acordava cedo, saia para trabalhar e só chegava em casa meio dia, pois tinha que ir para a escola.

Mas certo dia fui demitido, sendo obrigado a ficar em casa o dia todo sem fazer nada. Até que o anjo que tinha dentro da minha mãe saiu dela. Começou a me chamar de preguiçoso, dizia que eu não queria nada da vida, aquele papo chato de mãe! Até que um dia tentei brincar com ela.

— Filho! Você precisa mudar. Disse a minha mãe.

— Mudar pra quê, mãe? Eu estou super legal!

— Sei! Você tá legal é para se dar mal na vida. Depois que saiu do emprego, você não quer saber de mais nada. Agora fica aí o dia inteiro dentro desse quarto só comendo e dormindo. Essa semana você ficou dormindo na segunda, ficou dormindo na terça, na quarta, na quinta e hoje, que é sexta feira, você só saiu do quarto para ir ao banheiro. Ficou dormindo o dia inteirinho. Eu não sei como você aguenta? Quero só ver o que você vai fazer na semana que vem. – Desabafou a minha mãe.

— Pode ficar tranquila mãe. Na semana que vem eu vou fazer algo diferente.

— Vai?

— Vou!...Quero sair dessa rotina.

— Que bom filho! O que você vai fazer?

— Vou dormir na sala.

O resultado dessa brincadeira? Levei uma pisa e fui expulso de casa!

Meio caminho andado

Igor Oliveira Mota da Silva

Eles são vizinhos desde a infância; criaram-se juntos como irmãos. Agora, já adultos, lá vão, juntos, conversando todos os dias no caminho da roça. Apesar de não terem estudado, gostam de falar de coisas da modernidade, pois têm o hábito de ouvir o rádio durante o dia, e, quando lhes sobra tempo, e assistir à televisão à noite.

Estes dois camaradas são o José e o Daniel. Hoje fui com eles até certo ponto da estrada, pois iam trabalhar em seus terrenos, e eu na casa do meu tio, localizada a uns três quilômetros de onde moramos. Portanto, necessariamente, não pude evitar ouvir a conversa de ambos:

José: Cumpade, tu vai matricular tua fia pra estudar na rua?

Daniel: Num sei não! Minha muié tem medo dela sajuntar cum mas cumpaias, sabe.

José: Ah, qui nada cumpade. É so voceis cunvesar cum ela e ixpricar cumé as coisa.

Daniel: Mais hoje in dia cumpade, ce sabe cuma ta as coisa quesse tar de atizap, né?

José: Sim cumpade, mais voceis tem que intender que o futuro hoje e o istudo, se a pessoa num istudar vai trabaiar aonde.

Daniel: Ah cumpade, mas ela ja istudo um poco bom, ja dar pa arrumar um emprego, além disso, ela é bunitinha, daqui uns dia casa.

José: Mais cumpade, é mio dexar a minina terminar, porque ai ela pode trabaiar mio e ajudar voceis dispois. E tomém a pessoa ta veno

as coisa no mundo de hoje, os cabra sao safado, come o doce e dispois quebra a vazia!

Daniel: Pensano bem, é mermo.

José: Ói cumpade, eu tenho uma subrinha, ela era pobe quinem nois, sabe, mais sisfoco, foi imbora e hoje é muier de pograma.

Daniel: Cumpade, mais muier de pograma num é aquelas muier à-toa?

José: Não cumpade, eu digo pograma de televisao.

Daniel: aaah!

Daniel: Cumpade, e essa histora que andam dizeno, que as minina da cidade sao tudo istragada?

José: Ah cumpade, é pro causa dum tar de istragam que inventado, coisa desse povo da cidade, todo mundo tem pro lá. Parece que é quinem o freshbook.

Eu permaneci calado por todo o caminho; por mais que procurasse um assunto interessante para conversar com aqueles senhores, não conseguia encontrar. Então fiquei em silencio, afinal, às vezes, é mais proveitoso ouvir do que falar.

E a conversa continuou:

Daniel: Intao cumpade, quandé que cumeca as matrica?

José: Eu vo preguntar à muié, quarquer coisa, eu saio lá a boquinha da notche.

Daniel: Se for nessa sumana, eu pego a mota e vo la ca minha minina e levo a cumade ca dela.

José: Mais eu tenho que ir na rua pa comprar um tabrete pa minha fia. Ela mim pidiu quando compreto ano, sabe.

Daniel: Cudchado cumpade, se nao, quessa intrenet, ela arruma um namoro virtuar, quenem as moca lá de Sum Paulo.

Daniel: Já a minha, cumpade, disse que quer um aparei nos dente.

José: É assim mermo cumpade, esses jove d'agora quer tudo do bom e do mió, quere andar tudo nos trinque.

Daniel: Mais oiano pro um lado, até queles tem razao, se nois fosse eles tombém ia querer.

José: É, no nosso tempo num tinha essas friscurage toda, essas nuvidade.

Daniel: Nem tinha essas novela da grobo pa insinar as coisa, aqueles cumerciar de celveja que mostra aqueles muierao, né nao cumpade.

José: Pior que mermo, cumpade Danier.

Então, despedir-me daqueles dois homens simpáticos e segui em frente, imaginando o quanto somos diferentes e iguais ao mesmo tempo.

O inesperado ladrão

Lívia Santos Lima

Se você é um nordestino, certamente já ouviu expressões como "o mal se paga com o bem" ou "o bem foi pago com o mal", e talvez até tenha uma história para contar que gira em torno dessas frases, porque eu tenho! E começa assim...

No sertão pernambucano, havia um senhor fazendeiro por nome de José de César, senhor este que gostava de acolher qualquer pessoa que o procurasse. Ocorreu então que apareceu um andarilho, que, ao que aparentava, estava em busca de oportunidades e uma vida melhor naquele sertão (brabo).

O fazendeiro, com toda sua boa vontade, resolveu acolher o tal rapaz, que por sua vez, não revelara seu nome em toda sua longa, porém nem tão próspera, estadia. Com o passar dos dias, as crianças da região logo puseram um apelido no novato: João Salamanta. Apelido este, um tanto exótico, não? Mas o motivo é aceitável, já que Salamanta seria a adaptação de salamandra, um réptil muito ágil e ligeiro, características de ambos.

Certo dia, a esposa de José resolveu contar as galinhas que possuía, talvez por curiosidade repentina ou hábito, não sei ao certo. O fato é que algo estranho foi descoberto pela simpática senhora: estavam faltando galinhas! Afobou-se e saiu em disparada à procura do marido, e quando o encontrou soltou a bomba de uma só vez:

— Fomos roubados!

O velho fazendeiro, um tanto atordoado, sentou-se na cadeira mais próxima e pediu que chamassem o moço misterioso a quem há pouco

oferecera abrigo, e pediu em seguida que ele passasse a vigiar as galinhas, a fim de evitar um futuro roubo.

E assim se seguiu aproximadamente um mês. Todos assustados temendo que o ladrão estivesse armado ou que fosse realmente perigoso. Aliás, não duvido nada que com o barulho que as galinhas faziam quando eram "sequestradas" as outras também não estivessem preocupadas com o próximo ataque de maníaco do galinheiro. (...)

Um dos moradores da região, atiçado pela sede de vingança, encheu-se de coragem e sozinho decidiu encontrar o tal ladrão de galinhas. Tomou posse de uma espingarda que há muito tempo não usava: a tão famosa e antiga soca tempero.

Sorrateiramente seguiu na noite silenciosa em busca do sujeito em que sua desconfiança mais suspeitava. E quem diria? Deitado preguiçosamente em um galho de umbuzeiro, partilhando uma galinha assada – fruto de um roubo recente – com seus amigos, estava ele. O suspeito. (João Salamanta).

E está aí um caso muito comum quando se trata de humanos! O hóspede, em vez de agradecer ao fazendeiro por tê-lo aceito em suas terras, o apunhalou pelas costas na primeira (brecha). E mais uma vez, amigo leitor, o bem foi pago com o mal.

Caatinga!

Lucas Messias da Costa

Cinzenta como um dia nublado e seca como um dia de sol, ela abriga bichos exóticos que na mais genuína petulância são capazes de sustentar-se nesse ríspido recinto. Esse é o bioma da caatinga! Aquele que amiúde empregam erroneamente seu nome à guisa de insulto, mau cheiro!

- Que caatinga é essa? Vai tomar banho!

Só que, de acordo com os dicionários mais recentes, a palavra que é sinônimo de fedor e bedum é a catinga, isso mesmo, pitorescamente há apenas uma letra "a" a mais em uma das palavras, mudando assim toda a sua acepção. Não existe a mínima correlação entre as duas palavras! Então se o bioma característico da região em que você reside é a caatinga, não tenha medo! Você pode dizer:

- Lá onde moro a caatinga é abundante.

Ou então:

- Ah! Que bom esse aroma de caatinga!

É correto afirmar que o bioma permanece extensos períodos sem chuva, ou seja, sem tomar banho, mas declarar que o mesmo é sujo, malcheiroso e ainda usar seu nome de forma pejorativa é altamente ofensivo para aqueles que realmente conhecem sua verdadeira aparência.

Um exuberante caso de hipocrisia ocorre por parte de indivíduos que adornam suas casas com coroas de frade, lavam o cabelo com shampoo à base de babosa e possuem móveis construídos a partir de madeira de aroeira, angico, baraúna e outras árvores originárias da

região de caatinga e mesmo assim insistem em desprestigiar a denominação da palavra aplicando-a com o conceito graveolente. Nesses casos uma boa aula de português ou até mesmo de geografia resolve...

Alumeia!

Luciene de Oliveira

Zé Biquim e Jovelino são conhecidos um do outro desde molecotes. Com o passar dos anos se tornam grandes amigos. Sempre na luta pra "ganhá o di cumé" trabalham a semana toda. Claro que o domingo é dia de tomar umas.

Cachaceiros natos bebem como ninguém, mas uma hora têm que voltar para casa. Se lembraram tarde demais, quando o pau de arara já tinha caído fora. Então Jovelino pergunta:

— E agora o qui nois vai fazê Zé?
— Vo é tomá otra. Bora?
— Na hora.

E pelo bar mesmo ficaram os dois pinguços, a tarde estava chegando ao fim e o dono do bar tinha que fechar. Botou todo mundo pra corrê, se bem que bêbados como estavam, em vez de correr, trambelicaram. Cai mais num cai chegaram à praça, sem dinheiro e fedendo mais que boca de onça. Conversaram:

— Jovelino?
— Oi.
— Cumé qui nois vai vortar pra casa? Num tenhu um centavo! E tú?
— Num tenhu um tustão. Tô mar quebrado qui meu chinelo.
— Tamo lascado!
— Bora adiapé?
— Ah, guento não!
— Homi, tú é morto!
— Ah...
— E agora?
—Bora puxa o cuchilo pro qui mermo!

— Mar né proibido?
— Tá... dexe di cé besta! Os homi vai é drumi. Tão lá procupado cuns cachaceiro na praça. Mar minino tu é um broco!
— Sei não... e si vinheri botá nois pra corré?
— Tá, agora é broco! Si vinheri nois corri tá.
— Tá certo.

Estavam tão bêbados que acharam que já era de madrugada quando na verdade eram seis da tarde. Procuraram um pé de pau para dormir, mas os cachorros foram mais espertos e chegaram primeiro.

Acabados, não aguentavam andar mais até que viram um banco na praça que não estava quebrado. Não sei como, mas esses pinguços deram uma carreira para pegar o banco, quase se acabam, mas chegaram. O banco não dava para dois, mas não quiseram saber:

— Homi dexe eu drumi pro qui.
— Vá si lasca. Eu qui vo drumi pro qui.

Nenhum deu o braço a torcer. E começou a briga:

— Vá pra lá!
— Vo não!
— Tire seu subaco fedorentu do meu fucinho.
— Você qui da fedeno mar qui um cangambá.
— Tu pareci um saruê. Etâ bichu feio.
— Ah, vá morrê.

Jovelino não aguenta e desiste. Dorme no chão mesmo. Os dois pinguços nunca ficaram à noite na rua... Não sabiam, mas estava pra acontecer uma coisa.

Jovelino nem percebeu, mas foi dormir embaixo de um poste. Não demoro muito e aconteceu. Ele acordou com um clarão no meio da cara. E gritou:

— Meu padim Ciço!

O outro pinguço acorda no susto e diz:

— Qui foi homi?
— Zé Biquim, oia pa isso!
— Vá lame meu padim Ciço! Qui pesti é essa!
— É us homi! Eu falei!
— Isso num é di Deus!
— Isso é du coisa ruim!
— Diacho!
— É coisa dotro mundo
— É muitxo bunita.
— Oia Zé, alumeia!
— Eitxâ!
— Cabra nois morreu?
— Valeime! Murri e nem arrumei um rabo de saia.
— Vichi. Cumu alumeia
— Será qui nois tá nu céu?
— Num quero morrê não!
— Pari de chorá besta! Né macho não?
— Du que dianta ser macho e num tá vivo.
— Di viado já basta os do pasto.
— Meu pai num mi levi.
— Vai pra donde besta?
— Morrê é qui num vô!

Discretos como foram conseguiram acordar os moradores da cidadezinha, que começaram a mangar dos dois: dois bestalhados!

Nunca viram uma luz acesa no poste! Além de cachaceiro é tabaréu, hahahahahahaha.

Os velozes piadistas

Pedro Silvino da Costa Filho

Já fazia um bom tempinho que aquele policial estava de olho naqueles meninos, eles andavam de moto e eram bem apressadinhos. Ele pensou: amanhã esses caras não vão me escapar! Vou dar uma multa daquelas bem salgadas pra eles. Os engraçadinhos não perdem por esperar.

Dias depois, o policial fez o sinal para que eles parassem. Eles entenderam e pararam as motos. Sem perder tempo o policial foi logo dizendo:

Hãm!... Bonito hein! Até que enfim nos encontramos, por acaso os senhores já sabiam que já faz um bom tempinho que eu estava à espera de vocês?

Bonitos e velozes, hein policial! HÁHÁHÁ...

Poxa, vida policial! Sinceramente sinto muito! Eu juro que não sabíamos, só ficamos sabendo disso há alguns minutos atrás e como o senhor mesmo viu... vimos o mais rápido possível.

SOBRE OS AUTORES

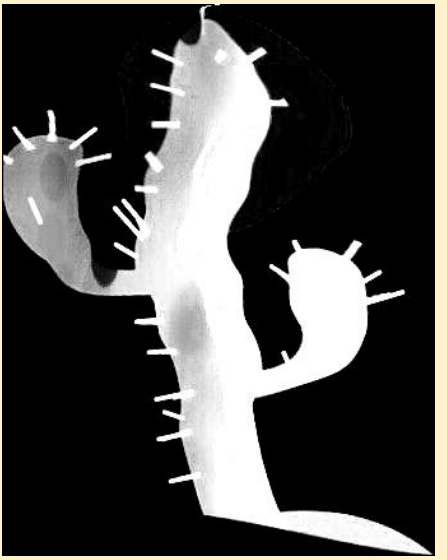


Foto celular Christina

Foto celular Christina

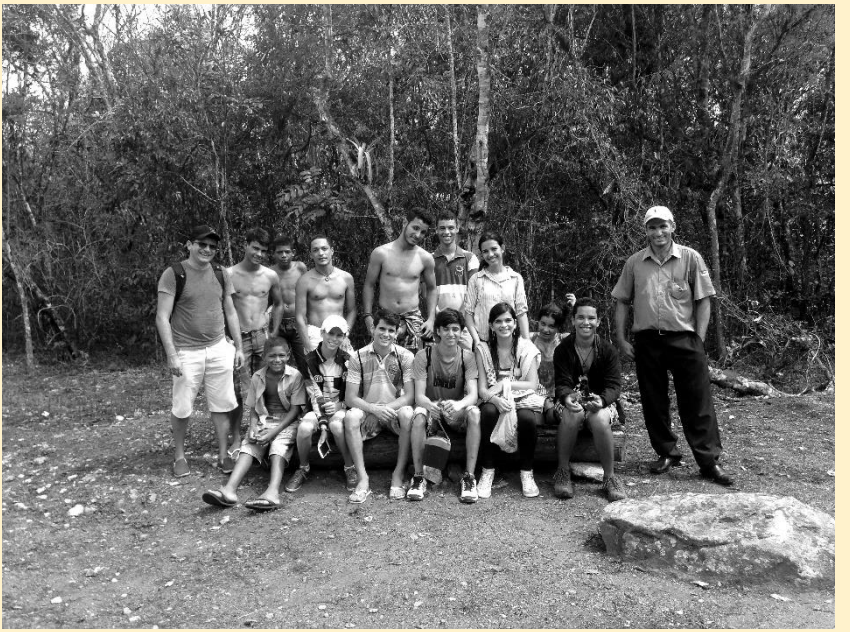


Foto celular Christina

Foto celular Alexandre

Jovens cronistas

Aécio Silva Júnior é filho de Cicera Eliane de Souza e Aécio Silva, e nasceu no dia 09/04/1999 em Itabaiana. Estudou oito anos na Escola Municipal Florêncio Eduardo da Silva e completou o Ensino Médio no Colégio Estadual 28 de Janeiro. Começou a escrever através do convite do prof. Carlos Alexandre. Participou do I concurso de poesia do colégio onde estuda, do I concurso de conto, crônica e poesia da Loja Maçônica Cotinguiba, ficando entre os finalistas em ambos. Também participou do concurso "Olha o poema na escola", ficando entre os finalistas pela ilustração do poema Marquesa de Cornoalha, de Raquel Naveira. Passatempo predileto é ler, viajar e escrever sobre o universo caprino. Hoje é aluno do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Sergipe, campus Sertão.

Alexandre Gomes de Oliveira, menino simples e humilde, cursa o Ensino Médio no Centro de Excelência 28 de Janeiro. Tem uma grande facilidade em fazer novos amigos. Mesmo que nunca tenha visto uma pessoa, através de bate-papos logo conquista uma grande amizade. Não gosta de entrar em conversa ou briga de alguém, não é o seu forte parar de falar com qualquer pessoa. É elogiado por ser bem-educado, não ter preconceito com ninguém e tratar todos com educação. Por fim, mas não menos importante, tem um imenso carinho e uma grande gratidão às pessoas que o tratam com carinho e com respeito. Gosta muito de estudar, se dedica com garra aos estudos, pois eles o ajudarão no futuro.

Calyne Porto de Oliveira, sergipana, nascida em Ribeirópolis. Reside em Monte Alegre de Sergipe/SE, completou o Ensino Médio no Centro de Excelência 28 de Janeiro e participou do I Concurso de poesia do mesmo. Além disso, participou do I concurso literário de conto, crônica e poesia da Loja Maçônica Contiguiba, ficando entre os finalistas na categoria crônica e do projeto “Olha a poesia na escola”, no qual teve

publicada sua ilustração do poema Marquesa de Cornualha, de Raquel Naveira. Foi membro do grupo “Poetas Modernos”, coordenado pelo Professor Msc. Carlos Alexandre Nascimento Aragão, bolsista da FAPITEC e participou da I Antologia do Encontro dos Escritores Monte-alegrenses & Convidados. Hoje é aluna do Curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe, campus São Cristóvão.

Delfábio Moura Silva, vulgo “Dell Moura”, é de Monte Alegre de Sergipe - SE, e completou o Ensino Médio no Centro de Excelência 28 de Janeiro. Faz aniversário dia 11 de maio, é eclético gosta de todos os tipos de músicas, seu esporte é a vaquejada de mourão, ama cavalo, sonha em ter um parque e haras, seu objetivo é ser veterinário ou engenheiro civil.

Ernandes Santos Oliveira reside atualmente na cidade de Monte Alegre-SE. Completou o Ensino Médio no Centro de Excelência 28 de Janeiro. É escritor e sonha em ser uma grande pessoa no mundo das letras! Gosta, entre muitas outras coisas, de estudar, ler, namorar, viajar e jogar bola. E é torcedor do São Paulo.

Igor Oliveira Mota da Silva completou o Ensino Médio no Centro de Excelência 28 de Janeiro. Nasceu em Santos-SP, porém, veio para Sergipe há 17 anos. Reside no povoado Nova Alegria, no Município de Monte Alegre de Sergipe. Gosta de, quando em casa, refletir sobre si mesmo, pois, acredita obter paz de espírito assim. Também aprecia ir à feira livre, porque vê nela uma boa fonte de inspiração. Hoje é aluno do Curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana.

Livia Santos Lima nasceu em Nossa Senhora da Glória, Sergipe, em primeiro de maio de 2001, e reside no interior de Porto da Folha/SE. É filha de Maria Eliana Lima Santos e Paulo Gomes dos Santos Júnior. Completou o Ensino Médio no Centro de Excelência 28 de Janeiro. Em 2014 participou do II Concurso Literário da Loja Maçônica Contiguiba, conseguindo, neste, ter sua primeira crônica publicada. Acredita no

poder da persistência e tenta transmitir aos seus leitores algo de útil em suas crônicas, pois crê que precisamos de bons exemplos, uma vez que eles nos influenciam em nossas decisões. Venera os poemas de Manuel Bandeira, contos de Poe e diversas crônicas de Cecilia Meireles, carregando desta, uma de suas frases: “Não seja o de hoje. Não suspires por ontem... Não queiras ser o de amanhã. Faze-te sem limites no tempo”. Hoje é aluna do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Sergipe, campus Sertão.

Lucas Messias da Costa completou o Ensino Médio no Centro de Excelência 28 de Janeiro no município de Monte Alegre de Sergipe, escola na qual estudou durante toda sua vida. Questionador nato, perfeccionista, amante das artes (em especial cinema, música e literatura), ciências da natureza e exatas, articulista, contista, cronista e instrumentista. Desde a infância esboçava as primeiras prosas. Tem prática em diversos instrumentos musicais, dentre eles guitarra, baixo e violão. Publicou textos em todas as Antologias Literárias da Loja Maçônica Cotinguiba escritas até então. Foi premiado duas vezes na Olimpíada Brasileira de Matemática (medalhista), ambas as vezes contemplado com bolsa no Programa de Iniciação Científica Jr. (PIC). Hoje é aluno do Curso de Medicina da Universidade Federal de Sergipe, campus São Cristóvão.

Luciene de Oliveira nasceu em 23 de setembro de 1999. É natural de Nossa Senhora da Glória e reside em Monte Alegre de Sergipe/SE. Completou o Ensino médio no Centro de Excelência 28 de Janeiro. A jovem iniciou sua jornada no mundo literário aos 14 anos. Participou do “I concurso de poesias do Colégio Estadual 28 de Janeiro”, foi finalista do “I concurso Literário da Loja Maçônica Contiguiba” na categoria crônica e no II concurso Literário da Loja ficou em segundo lugar na categoria crônica. Participa do projeto “Poesia indo à escola II”, do Professor Msc. Carlos Alexandre Nascimento Aragão. Luciene planeja seguir no mundo literário, dando continuidade à sua obra. A jovem escritora se destaca na produção de contos e crônicas.

Atualmente, é bolsista de iniciação científica júnior da FAPITEC. Hoje é aluna do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe.

Pedro Silvino da Costa Filho é mais conhecido como Pedro Filho. Filho de Pedro Silvino da Costa e Girlândia Batista de Oliveira Costa, nasceu em Nossa Senhora da Glória/SE, no dia 31 de março de 2000. Tem como o melhor esporte a vaquejada, tradição aqui do nordeste, uma paixão que nasceu dentro dele e a cada dia que se passa cresce mais. Ele gosta tanto que até se arrisca no mourão, destacando-se na posição de esteireiro e com o objetivo de se destacar mais ainda como puxador. Hoje vive em Monte Alegre. Com apenas 14 anos foi presenteado com uma mercearia e percebe-se que está melhorando cada vez mais no ramo de negócios. Também se empenha muito nos seus estudos, concluiu o Ensino Médio no Centro de Excelência 28 de Janeiro. Hoje é aluno do Curso de Direito, da UNIT, campus Itabaiana.

Organizadores

Carlos Alexandre Nascimento Aragão é professor de Língua Portuguesa na Rede Estadual de Sergipe. Graduado em Letras Português/Inglês (UNIT) e mestre em Letras (UFS). Além disso, possui especialização na área de Letras e na educação a distância. É professor Tutor II da Universidade Tiradentes e trabalha com pesquisa na área de Língua Portuguesa com ênfase em Análise do Discurso. Membro Fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS), cadeira de nº 28 e Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras (AGL), cadeira de nº 13. Coordenador do projeto “A Poesia indo à Escola” e do projeto Oficina de Criação Literária Jovens Cronistas do sertão. Junto com Christina Ramalho, desenvolveu outros projetos, como “Poetas modernos na escola I”, “Poetas modernos na escola II”, “Olha o poema na escola” e “Poesia ilustrada”.

Christina Bielinski Ramalho é carioca e cidadã aracajuana, doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela UFRJ (2004). Professora de Literaturas de Língua Portuguesa e Estágio Supervisionado na Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana, professora do curso de Graduação em Letras a distância da UFS (CESAD/UAB), professora e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e do Programação de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/ITA), da UFS. De 2010 a 2012 desenvolveu estudos de pós-doutorado sobre a poesia épica do cabo-verdiano Corsino Fortes, junto à USP, com bolsa FAPESP. Coordenadora do CIMEEP (Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos – www.cimeep.com) e membro de grupos e centros de pesquisas, em nível nacional (ANPOLL e GELIC) e internacional (Instituto Internacional de Sociocrítica e Réseau Euro-Africain de Recherches sur les Épopées (REARE). Autora e organizadora de cerca de 25 livros de crítica, historiografia literária e literatura (poesia, epopeia e contos). Organizadora de 9 livros de crônicas. Site: www.ramalhochris.com**.**

Coordenador-adjunto

Antonio Fernando de Araujo Sá nasceu em Brasília/DF, graduou-se em História pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB) e fez o mestrado e doutorado em História pela Universidade de Brasília. É professor associado do Departamento de História e dos Programas de Pós-Graduação em História e Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atuou como professor visitante na Universidad Nacional de Misiones (Argentina). É líder do Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste (CNPq/UFS). Foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em HIstória (2014-2016) e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras (2013-2015). Foi Chefe do Departamento de História da UFS (1999-2001 e 2008-2010) e diretor da Regional Nordeste da Associação Brasileira de História Oral (2008-2010). É autor dos livros: Real Porão. Aracaju: Candangos Decapitados, 2002 (poesia); Combates entre História e Memórias. São Cristóvão/SE: Editora da UFS/ Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2005, O Cangaço

nas Batalhas da Memória. Recife/PE: Editora da UFPE, 2011 e Capítulos de História da Historiografia Sergipana. Aracaju: IHGSE, São Cristóvão: Editora da UFS, 2013; organizou, com professora Vanessa Maria Brasil, Rio sem História? Leituras sobre o rio São Francisco. Aracaju: FAPESE, 2005.

Monitores

Ariene Braz Palmeira é licenciada em Letras-Português (2015) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e mestre em Letras também pela UFS/CNPq. É membro pesquisador do CIMEEP, Centro Internacional e Multidisciplinar de estudos Épicos, atuando no GT Historiografia Épica desde 2013. Atualmente, desenvolve pesquisa no âmbito dos Estudos Literários, sobretudo, com ênfase em torno da Épica Indianista Romântica. Atuou como professora substituta em escola pública municipal de abril de 2013 a junho de 2015. É a atual secretária de educação do município de Poço Redondo/SE.

Éverton de Jesus Santos é mestre e doutorando em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe e cronista vezenquando. Cultiva o gosto pela literatura e também é revisor de textos acadêmicos e livros. Da poesia ao romance, passando pelo épico, claro, encontra na palavra seu microcosmo. Organizou livros de crítica literária e tem publicações em revistas científicas da área de Letras.

TEXTOS DAS ORELHAS DA EDIÇÃO IMPRESSÃO (2016)

TEXTO ORELHA I

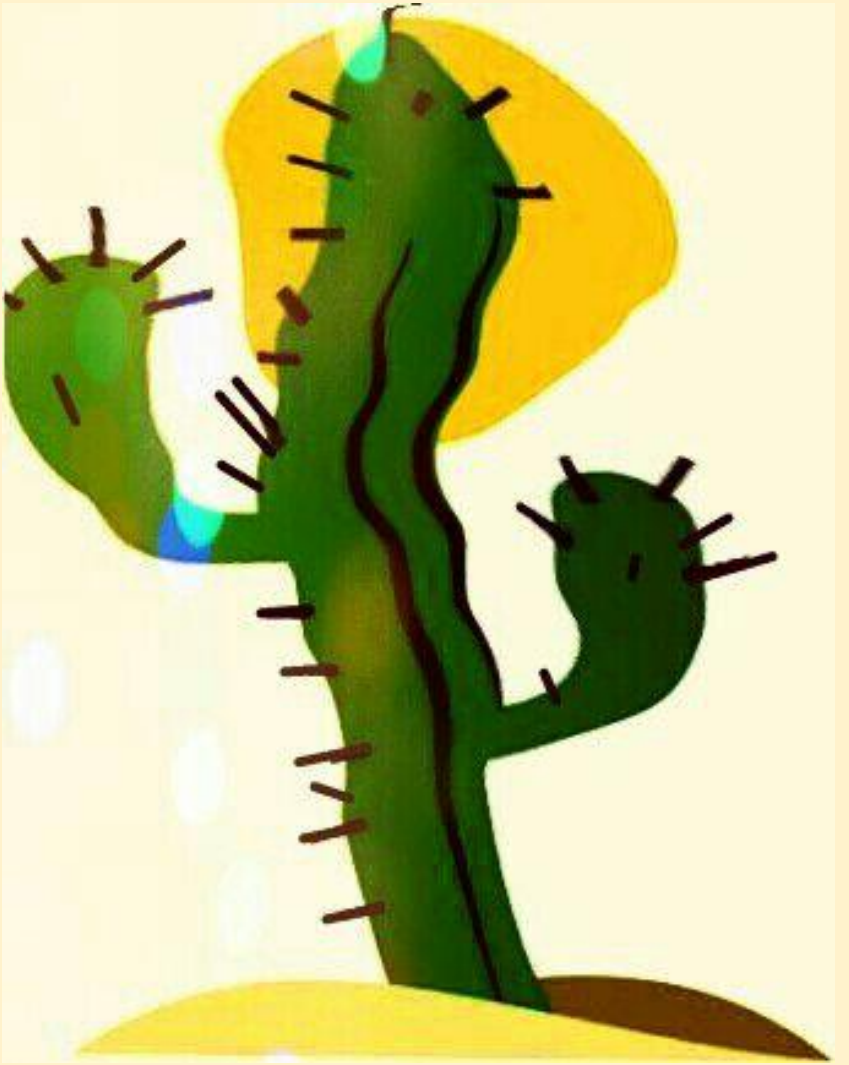
É inegável que o principal intuito desse projeto foi dar aos alunos a oportunidade de poderem intervir na realidade que os cerca, viabilizando a concretização de suas intenções enquanto jovens cronistas que são, mas também alimentar a sua imaginação, proporcionando-lhes experiências de fruição, para que eles, consequentemente, descubram os encantos que a literatura proporciona. Foi pensando nesses objetivos que este livro foi organizado.

Para que esse projeto fosse possível, foram necessários educadores que visassem à formação de educandos críticos e atuantes no processo de aprendizagem. A iniciativa da Professora Christina Ramalho e do Professor Carlos Alexandre merece ser reconhecida. Atualmente, é de iniciativas como esta que as escolas estão precisando, pois acredito que, somente dessa maneira, estaremos todos contribuindo para a melhoria da qualidade da educação em nosso país.

Portanto, mais que gratificante, participar do projeto *Jovens cronistas do sertão* foi uma oportunidade que de em adquirir subsídios necessários ao meu futuro exercício profissional. Acredito que propostas de imersão no universo da literatura promovem uma oportunidade de aprendizagem em que todos saem melhores, ou seja, mais sensíveis e mais confiantes de suas capacidades.

Ariene Braz Palmeira

TEXTO ORELHA I

Ser nordestino e ser sertanista tem muito em comum, devido às veredas grandes do bioma que é a cara do Nordeste – trazendo na esteira o calor, a seca, a caatinga, a imagem dos retirantes. Com efeito, do chão árido, a escrita verdeja e se enrama, porque o retrato que se tem precisa ser revivificado em novas cores. Logo, escrever o sertão, hoje, pela perspectiva da juventude, é dádiva tal qual chuva depois da estiagem; é sorriso que brota como a vegetação; porque sertão, moço, é onde mandacaru é metáfora de gente forte. Ir até esse território ao lado dos jovens cronistas e da equipe de professores foi, obviamente, a experiência de descobrir *in loco* aquilo que os livros de Geografia e de História, além dos romances, por vezes mostram, mas a vista, ao pisar e tocar essa terra, é bem mais bonita. É a oportunidade de se emocionar, de sentir, de compreender, e também de ouvir histórias, conhecer pessoas, ressignificar o ser que é, antes de tudo, tão. E aqui, em delicadas ou críticas crônicas, textualizam-se fragmentos, sentimentos, crenças, olhares, rostos, sacrifícios, e isso de maneira peculiar a jovens sertanistas nordestinos, em quem as letras recriam o mundo num garimpar incessante que desenha as facetas do sertão.

Éverton de Jesus Santos